

FORMAÇÃO DAS EQUIPES DO PROGRAMA ENSINO INTEGRAL VOLUME 2



ESCOLA DE TEMPO
INTEGRAL

CADERNO DO GESTOR

ENSINO INTEGRAL

Distribuição gratuita,
venda proibida



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

MATERIAL DE APOIO
AO PROGRAMA ENSINO INTEGRAL
DO ESTADO DE SÃO PAULO

**FORMAÇÃO DAS EQUIPES
DO PROGRAMA
ENSINO INTEGRAL
VOLUME 2**

CADERNO DO GESTOR

Primeira edição

2014

São Paulo

Governo do Estado de São Paulo

Governador

Geraldo Alckmin

Vice-Governador

Guilherme Afif Domingos

Secretário da Educação

Herman Jacobus Cornelis Voorwald

Secretária-Adjunta

Cleide Bauab Eid Bochixio

Chefe de Gabinete

Fernando Padula Novaes

Subsecretária de Articulação Regional

Raquel Volpato Serbi Serbino

**Coordenadora da Escola de Formação e
Aperfeiçoamento dos Professores – EFAP**

Silvia Andrade da Cunha Galletta

**Coordenadora de Gestão da
Educação Básica**

Maria Elizabete da Costa

**Coordenadora de Gestão de
Recursos Humanos**

Cleide Bauab Eid Bochixio

**Coordenadora de Informação,
Monitoramento e Avaliação
Educacional**

Ione Cristina Ribeiro de Assunção

**Coordenadora de Infraestrutura e
Serviços Escolares**

Dione Whitehurst Di Pietro

**Coordenadora de Orçamento e
Finanças**

Claudia Chiaroni Afuso

**Presidente da Fundação para o
Desenvolvimento da Educação – FDE**

Barjas Negri

Prezadas equipes,

Em dezembro de 2011, a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo instituiu o Programa Educação – Compromisso de São Paulo, que tem como um de seus pilares expandir e aperfeiçoar a política de Educação Integral, como estratégia para a melhoria da qualidade do ensino e, portanto, do avanço na aprendizagem dos alunos.

Nesse contexto, em 2012, foi criado o Programa Ensino Integral, com o objetivo de assegurar a formação de jovens autônomos, solidários e competentes por meio de um novo modelo de escola. Esse novo modelo, entre outras características, prevê jornada integral de alunos, currículo integrado, matriz curricular diversificada, Regime de Dedicação Plena e Integral dos educadores e infraestrutura que atenda às necessidades pedagógicas do Programa. Essa estrutura visa proporcionar aos estudantes as condições necessárias para planejar e desenvolver o seu Projeto de Vida e tornarem-se protagonistas de sua formação.

O Programa Ensino Integral, inicialmente direcionado a escolas de Ensino Médio, teve sua primeira expansão em 2013, quando passou a atender também os anos finais do Ensino Fundamental. O Programa deverá continuar sua expansão nos segmentos que já atende e ampliar sua atuação na Educação Básica, compreendendo também escolas dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Esta série de publicações contempla conteúdos que se destinam à formação continuada e ao apoio dos profissionais que atuam no Programa Ensino Integral, nas escolas e nas Diretorias de Ensino. Esses documentos pretendem subsidiar o desenvolvimento e o acompanhamento das ações e atividades planejadas pelas equipes escolares e pelas Diretorias de Ensino, destacando a articulação entre o Modelo Pedagógico e o Modelo de Gestão, bem como as metodologias específicas do Programa, no contexto de seus valores, princípios e premissas. Pretende-se, dessa maneira, contribuir para que o Programa Ensino Integral possa atingir seus objetivos e metas, garantindo o desenvolvimento pleno dos alunos, em termos das competências, habilidades e valores necessários ao convívio social, ao exercício pleno da cidadania e à inserção no mundo produtivo.

A série é composta pelos seguintes documentos:

- Diretrizes do Programa Ensino Integral
- Modelo de gestão do Programa Ensino Integral
- Modelo de gestão de desempenho das equipes escolares
- Avaliação da aprendizagem e nivelamento
- Formação das equipes do Programa Ensino Integral – Volume 1
- Formação das equipes do Programa Ensino Integral – Volume 2

Este documento apresenta subsídios para o desenvolvimento de ações de Formação Continuada, premissa fundamental para que as inovações dos Modelos Pedagógico e de Gestão, propostos pelo Programa Ensino Integral, possam se concretizar no sucesso da aprendizagem dos alunos. Os temas aqui abordados têm por objetivo possibilitar aos educadores o desenvolvimento de competências necessárias ao bom desempenho de suas funções, na perspectiva da construção efetiva de espaços privilegiados de formação – escola e Diretoria de Ensino – que contribuem para o alcance das metas propostas pelo Programa.

Bom trabalho!
Equipe do Programa Ensino Integral



SUMÁRIO

Introdução	5
1. Pauta formativa 1 – Protagonismo Juvenil	7
1.1. Sensibilização	7
1.1.1. Acolhimento inicial	8
1.1.2. Apresentação dos objetivos	9
1.1.3. Apresentação da pauta	10
1.1.4. Exibição de vídeo	11
1.2. Levantamento de conhecimentos prévios	12
Atividade 1 – Apresentação do cenário	13
1.3. Problematização da prática	15
Atividade 2 – Sessão de estudos	16
Atividade 3 – O exercício do Protagonismo Juvenil	17
1.4. Socialização	18
1.5. Sistematização	21
1.6. Avaliação	27
2. Pauta formativa 2 – Projeto de Vida	29
2.1. 1º encontro – A importância do Projeto de Vida nas escolas do Programa Ensino Integral	30
2.1.1. Sensibilização	30
2.1.2. Apresentação dos objetivos	31
2.1.3. Apresentação da situação-problema	32
2.1.4. Retomada de princípios básicos do Programa Ensino Integral	32
2.1.5. Problematização	33
2.1.6. Sistematização	35
2.2. 2º encontro – Projeto de Vida: reflexão sobre atitudes e valores relacionados aos sonhos	35
2.2.1. <i>Brainstorming</i> – Tempestade de ideias	36
2.2.2. Projeto de Vida: análise/problematização	36
2.2.3. Socialização	37
2.3. 3º encontro – A aula de Projeto de Vida para o Ensino Médio	38
2.3.1. Sensibilização e levantamento de conhecimentos prévios	39
2.3.2. Análise e problematização	39
2.3.3. Elaboração de propostas de ação	40
2.4. 4º encontro – Projeto de Vida: monitoramento e avaliação	40
2.5. 5º encontro – Sistematização e avaliação da pauta	41
2.5.1. Sistematização final	41
2.5.2. Avaliação	43
Bibliografia	44
Anexos	45



INTRODUÇÃO

O tema central do Volume 2 de Formação das Equipes do Programa Ensino Integral é o aprimoramento das estratégias de formação, com destaque para a elaboração de pautas formativas. Para tanto, é necessário retomar as ideias expostas no Volume 1, a fim de que essa discussão seja embasada pelos conceitos nele apresentados. De acordo com os pressupostos da Formação Continuada, os profissionais das equipes são sujeitos da própria aprendizagem. Assim, a formação, que figura como direito das equipes, tem de ser mediada pela reflexão. Tal ação deve ser potencializada nos tempos e espaços da Diretoria de Ensino e da escola.

Também no Volume anterior, apresentou-se de que maneira os Ciclos e Sessões de Acompanhamento Formativo podem garantir o funcionamento dos Modelos de Gestão e Pedagógico, atentando para o alinhamento conceitual, procedimental e atitudinal entre os envolvidos – a equipe da escola, o Supervisor de Ensino e o Professor Coordenador do Núcleo Pedagógico (PCNP) –, orientados pelos valores, princípios e premissas do Programa Ensino Integral.

Nesse contexto, a pauta formativa pode representar um subsídio importante para orientar o processo de formação continuada. Este tipo de pauta não deve se restringir a um rol de temas e ações a abordar em uma Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC) ou em uma Orientação Técnica. Quando bem-feita, a pauta resulta da escolha cuidadosa de conteúdos que permitem atender à demanda formativa de gestores ou professores. Essa seleção deve ser feita com base em indicadores que, no Programa Ensino Integral, correspondem aos resultados da aprendizagem dos alunos, em avaliações internas e externas, nos registros das Sessões de Acompanhamento Formativo, no nível de maturidade das escolas e nas necessidades apontadas no PIAF (Plano Individual de Aprimoramento e Formação), entre outros.

Uma pauta formativa tem de explicitar seu objeto, estabelecer propostas de estratégias adequadas e permitir ao formador a antecipação de dúvidas que possam surgir no processo de formação. Para isso, é necessário que o formador estude o conteúdo e o foco que vai desenvolver, pense a respeito das situações-problema que serão apresentadas e planeje possíveis intervenções. A avaliação dos profissionais que interagem neste processo formativo é essencial para o aperfeiçoamento contínuo do processo.

Ao longo deste documento, serão apresentadas sugestões baseadas em pautas desenvolvidas em Orientações Técnicas para o fortalecimento das equipes de gestão das escolas do Programa Ensino Integral. A ideia é oferecer ao formador parâmetros para a construção de boas pautas que favoreçam a reflexão, a fim de subsidiar a formação continuada dos profissionais das Diretorias de Ensino e das escolas.

Acredita-se que a estruturação adequada das pautas possa contribuir para que as demandas profissionais sejam contempladas no processo de formação das equipes escolares, expressas em seus Planos de Formação Continuada.

Neste documento, as pautas formativas estão estruturadas com base nas seguintes etapas: sensibilização, levantamento de conhecimentos prévios, problematização da prática, socialização,



sistematização e avaliação. Serão apresentadas duas pautas para o desenvolvimento de ações de formação nas Diretorias de Ensino e nas escolas do Programa Ensino Integral, de acordo com as informações a seguir.

Espaço da formação	Formadores	Público-alvo	Tema da formação
Diretoria de Ensino (Orientação Técnica)	Supervisor de Ensino e Professor Coordenador do Núcleo Pedagógico (PCNP)	Supervisores de Ensino, PCNP e Gestores Escolares	Protagonismo Juvenil
Escola do Programa Ensino Integral (Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo – HTPC)	Professor Coordenador Geral (PCG)	Professor Coordenador de Área (PCA) e Professores	Projeto de Vida

Quadro 1.

As pautas sugeridas como exemplo contêm, além da proposta de atividades, comentários para o formador e boxes com reflexões, dicas, conceituação, explicações e compartilhamento de ideias.

Ao final, espera-se que o formador tenha construído novos saberes e que desenvolva um excelente trabalho de formação continuada, para que as escolas do Programa Ensino Integral avancem no percurso da qualidade de ensino e atinjam seu principal objetivo: formar adolescentes e jovens autônomos, solidários e competentes, na vida e na sociedade.

Para saber mais

Para as duas ações formativas propostas neste documento, tanto na Diretoria de Ensino como na escola, é importante que o formador compreenda o princípio da homologia de processos. Para saber mais sobre esse princípio, recomenda-se a leitura do seguinte artigo:

-  ZURAWSKI, Maria Paula. O coordenador pedagógico como formador: três aspectos para considerar. *Manual do selecionador*, 16ª edição do Prêmio Victor Civita Educador Nota 10. Disponível em: <<http://www.fvc.org.br/educadornota10/pdf/2013/artigo-coord-pedagogico-2013.pdf>>. Acesso em: 5 nov. 2014.





1. PAUTA FORMATIVA 1 – PROTAGONISMO JUVENIL

1.1. SENSIBILIZAÇÃO

Para que a aprendizagem possa ocorrer, é necessário que o sujeito esteja disposto a aprender novos conceitos. A sensibilização cumpre esse papel: ela funciona como um estímulo para que o participante seja mais receptivo às aprendizagens pretendidas durante a formação continuada.

Sensibilização é essencialmente comunicação e diálogo. O objetivo é que o formador recepcione os participantes de forma acolhedora e abra um canal de comunicação para que todos estejam em sintonia em relação às expectativas e aos conhecimentos prévios sobre a temática a ser discutida. Recomenda-se, assim, que a sensibilização inicie as atividades, a fim de garantir a boa comunicação entre os participantes.

Para definir a melhor atividade para sensibilização, é necessário, em primeiro lugar, ter clareza sobre os objetivos da formação e definir, previamente, as demais partes da pauta formativa.

Muitos encontros, cursos e reuniões utilizam o recurso da sensibilização, à qual os participantes costumam reagir de diferentes formas: alguns gostam muito, outros não se manifestam e há aqueles que até “torcem o nariz”. Isso deve ser esperado por quem planeja a formação, já que nem sempre fica explícito para todos a relação que se pretendeu estabelecer entre o momento de sensibilização e o conteúdo a ser tratado na formação.

Para realizar uma boa sensibilização, é fundamental que ela seja bem planejada, ou seja, que se reflita sobre o público participante e sobre os recursos e a duração mais adequados para esse momento. Não se recomenda usar, por exemplo, vídeos ou apresentações em *slides* atrelados à ideia de autoajuda, pouco indicada para a formação profissional. Como estratégia, é possível lançar mão de músicas, curtas-metragens, trechos de filmes, vídeos, animações, poesias, pequenos trechos de textos pertinentes ao conteúdo que será abordado. É importante, também, que o formador atente para a duração da sensibilização, que não deve ser longa para não dispersar os participantes.

Alguns procedimentos podem ser observados pelo formador, tanto na sensibilização como na formação como um todo, entre eles:

- 🌀 escutar com atenção todos os participantes e não ter resistência ao que eles expressam;
- 🌀 não julgar o modo como os participantes se expressam, respeitando os pontos de vista e mantendo uma postura aberta a opiniões diferentes da sua;
- 🌀 levar em conta os saberes prévios dos participantes, procurando verificar se é pertinente retomá-los durante a formação, ampliando o debate sobre determinado aspecto, para atingir os objetivos propostos;
- 🌀 esclarecer e retomar, sempre que necessário, os objetivos da formação.

A sensibilização, além de estabelecer um clima favorável à formação, também possibilita ao formador perceber as expectativas em relação ao trabalho que se inicia. Assim, por exemplo, se ele percebe que algum participante tem uma expectativa equivocada, é aconselhável investigar



os motivos disso, que podem estar na divulgação da formação, no título que lhe foi atribuído, na adequação ao público a que se destina ou no entendimento que essa pessoa teve a respeito da proposta. Sugere-se, então, que o formador evite corrigir os participantes, de forma a não criar um clima de animosidade ou de confronto no início da formação, mas é muito importante que o formador desfaça o equívoco ao longo da formação, recorrendo sempre aos objetivos geral e específico estabelecidos. Se há expectativas que não correspondem ao planejado, é importante que elas sejam investigadas durante a avaliação, para a eventual correção em pautas futuras.

1.1.1. Acolhimento inicial

O momento do acolhimento é fundamental. A maneira como os profissionais são recebidos já é um indicativo do cuidado do formador com a preparação da formação. Nesta pauta para a Diretoria de Ensino, a proposta é reproduzir a música *A casa é sua*, de Arnaldo Antunes e Ortinho, enquanto os participantes entram no local, previamente preparado.

A casa é sua¹

não me falta cadeira

não me falta sofá

só falta você sentada na sala

só falta você estar

não me falta parede

e nela uma porta pra você entrar

não me falta tapete

só falta o seu pé descalço pra pisar

não me falta cama

só falta você deitar

não me falta o sol da manhã

só falta você acordar

pra as janelas se abrirem pra mim

e o vento brincar no quintal

embalando as flores do jardim

balançando as cores no varal

a casa é sua

por que não chega agora?

até o teto tá de ponta-cabeça porque você demora

a casa é sua

por que não chega logo?

nem o prego aguenta mais o peso desse relógio

não me falta banheiro, quarto

abajur, sala de jantar

não me falta cozinha

só falta a campainha tocar

não me falta cachorro

uivando só porque você não está

parece até que está pedindo socorro

como tudo aqui nesse lugar

não me falta casa

só falta ela ser um lar

não me falta o tempo que passa

só não dá mais para tanto esperar

para os pássaros voltarem a cantar

e a nuvem desenhar um coração flechado

para o chão voltar a se deitar

e a chuva batucar no telhado

a casa é sua

por que não chega agora?

até o teto tá de ponta-cabeça porque você demora

a casa é sua

por que não chega logo?

nem o prego aguenta mais o peso desse relógio

¹ Arnaldo Antunes e Ortinho. © by Universal Music Publishing LTDA / Rosa Celeste Empreendimentos Artísticos LTDA / Humaitá Edições Musicais Ltda.

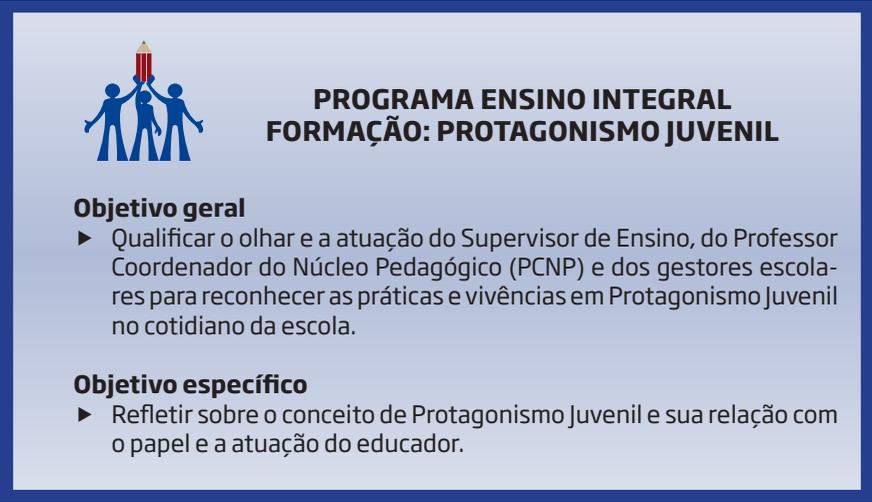




Quando os participantes estiverem acomodados em seus lugares, o formador pode destacar alguns versos, como: “não me falta cadeira / não me falta sofá / só falta você sentada na sala / só falta você estar”. Não se trata de explicar a letra da composição, mas de deixar claro que a escolha da música foi pensada e planejada especialmente para os participantes. Outro exemplo são os versos “pra as janelas se abrirem pra mim / e o vento brincar no quintal / embalando as flores do jardim / balançando as cores no varal”, os quais permitem evidenciar as possibilidades que a formação pode trazer ao educador, entre elas um novo jeito de ver as coisas. Caso alguém queira comentar a música, é importante que o formador conduza a conversa de maneira que os comentários não fujam da proposta inicial que é o acolhimento. É interessante, também, fazer breve comentário sobre os autores da letra da composição, a fim de identificá-los e contextualizar a canção.

1.1.2. Apresentação dos objetivos

Após o acolhimento inicial, recomenda-se que o formador apresente os objetivos geral e específico da formação. A apresentação pode ser realizada por meio de *slides* com o detalhamento de tais objetivos, como no exemplo a seguir.



**PROGRAMA ENSINO INTEGRAL
FORMAÇÃO: PROTAGONISMO JUVENIL**

Objetivo geral

- ▶ Qualificar o olhar e a atuação do Supervisor de Ensino, do Professor Coordenador do Núcleo Pedagógico (PCNP) e dos gestores escolares para reconhecer as práticas e vivências em Protagonismo Juvenil no cotidiano da escola.

Objetivo específico

- ▶ Refletir sobre o conceito de Protagonismo Juvenil e sua relação com o papel e a atuação do educador.

Slide 1.10.

Na apresentação dos objetivos, recomenda-se que o formador faça uma reflexão conjunta com os participantes sobre alguns conceitos. Pode-se colocar a questão, por exemplo, sobre qual é o sentido de “qualificar”, diante dos valores, princípios e premissas do Programa Ensino Integral. Nesta pauta, “qualificar o olhar” refere-se ao esforço para ver a escola de forma reflexiva, a partir das evidências do cotidiano escolar. Para tornar possível esse novo olhar sobre a escola, é preciso refletir tanto sobre a própria prática como a do outro. Assim, a atuação destes profissionais passa a ser mais exitosa e direcionada ao sucesso das escolas do Programa.

Também é possível convidar os participantes a pensar sobre o Protagonismo Juvenil como princípio do Modelo Pedagógico do Programa e a necessidade de continuamente refletir sobre como ele se revela nas ações de todos os profissionais.



Pense nisso!

É importante que todo o material que será utilizado na formação seja rigorosamente preparado antes do início. Quando isso não ocorre, o fato pode ser interpretado como descomprometimento com a formação.

1.1.3. Apresentação da pauta

A pauta resumida pode ser impressa ou apresentada em um *slide*. Recomenda-se utilizar a estrutura a seguir.



**PROGRAMA ENSINO INTEGRAL
FORMAÇÃO: PROTAGONISMO JUVENIL**

Pauta dos trabalhos do dia

- ▶ Sensibilização - 30 min
- ▶ Levantamento de conhecimentos prévios - 1h40min
- ▶ Atividade 1 - 40 min
- ▶ Atividade 2 - 1h

Intervalo para café - 20 min

- ▶ Atividade 3 - 1h

Intervalo para almoço - 1h

- ▶ Socialização - 1 h
- ▶ Sistematização - 1h
- ▶ Avaliação - 30 min
- ▶ Sistematização final e encerramento - 30 min

Slide 1.11.

Recomenda-se que o formador leia para o grupo a pauta resumida e que a apresentação não ultrapasse cinco minutos, pois esse é apenas um recurso para que os participantes se organizem no tempo. Por exemplo, quem precisar responder a um telefonema poderá fazer isso nos intervalos.

No exemplo utilizado, a pauta refere-se a apenas um dia de formação, mas, dependendo do objetivo desta, pode-se prever maior tempo, como dois ou três dias. Qualquer que seja a duração, o importante é seguir os passos de uma pauta formativa.

Pense nisso!

A apresentação da pauta é o momento em que o grupo estabelece alguns acordos, como, por exemplo, horário dos intervalos, uso do celular etc.





1.1.4. Exibição de vídeo

Agora, a proposta é que o formador use como estratégia para sensibilização o seguinte vídeo para reflexão sobre o Protagonismo Juvenil:

© *Tree*. Produção: TOI – Lead India. Índia, 2007. 2 min. Disponível em: <http://www.dailymotion.com/video/xf3l7l_cooperacion-unidos-siempre-es-mejor_webcam>². Acesso em: 5 nov. 2014.

Existem vários nomes em português para esse vídeo, entre eles *Ações que contagiam*, *Atitudes que contagiam* e *Solidariedade proativa*. Trata-se de um garoto que vê uma árvore caída no meio da rua, interrompendo o trânsito, enquanto todos a seu lado observam e comentam o fato, mas ninguém tem a iniciativa de tirá-la dali. Então, sozinho, em meio à chuva, o menino começa a empurrar a árvore, e as pessoas, diante de sua iniciativa para resolver o problema, vão ajudá-lo.

Considerando que o tema da formação é o Protagonismo Juvenil, uma forma de introduzi-lo é refletir sobre o fato de um garoto, ao deparar com uma situação-problema, tomar a iniciativa para resolvê-la. Diferentemente das outras pessoas, que apenas observam e comentam o que está ocorrendo, ele é ágil e torna-se exemplo a ser seguido.

Após a exibição do vídeo, o formador pode pedir que os participantes façam comentários sobre o que viram. Em seguida, sugere-se que ele proponha a seguinte questão: *Esse vídeo nos remete a um dos valores mais caros do Programa Ensino Integral. Alguém gostaria de falar um pouco sobre isso?*

Espera-se que os participantes argumentem que o garoto do vídeo traz semelhanças com o aluno que se quer formar, pois é capaz de avaliar a situação e tomar uma iniciativa para a solução do problema, agindo não somente em seu benefício, mas também no do próximo. É importante que os diálogos sejam breves, mediados pelo formador, para que não ultrapassem o tempo máximo recomendado para essa atividade, que é de 30 minutos.

Após a discussão, o formador pode iniciar uma reflexão com os participantes sobre sua atuação em relação às práticas que promovem o Protagonismo Juvenil na escola.

Convite à reflexão!

Caso alguém se recuse a participar da atividade de sensibilização, é importante que o formador não dê ênfase a essa atitude e procure acolher esse profissional ao longo da formação, pois é possível que ele ainda não se sinta à vontade ou não esteja disposto a fazer parte do grupo, pelo menos neste momento.

² Para encontrar o vídeo em outras páginas da internet, basta digitar “TOI – Lead India – Tree” em um site de buscas.



1.2. LEVANTAMENTO DE CONHECIMENTOS PRÉVIOS

Para Piaget (1974), o desenvolvimento da inteligência está relacionado com a ideia de que todo conhecimento somente é possível porque há outros anteriores. A construção do conhecimento é um processo contínuo que ocorre desde o nascimento, alcançando níveis cada vez mais complexos. Segundo essa concepção, nas ações de formação, é fundamental criar situações para levantar os conhecimentos prévios dos participantes sobre o tema a ser tratado.

Ausubel e colaboradores (1980), de acordo com a Teoria da Aprendizagem Significativa, afirmam que a aprendizagem acontece com base em conteúdos que o indivíduo já possui em sua estrutura cognitiva. Quando ele entra em contato com novos conhecimentos, os anteriores podem ser modificados, levando-o a atribuir novos significados àqueles preexistentes. Segundo os autores, o fator mais importante na aprendizagem do aluno é aquilo que ele já sabe; portanto, é necessário investir no levantamento desses conhecimentos e em sua reelaboração.

Por homologia de processo, ao contemplar os educadores como alunos na formação continuada, faz-se necessário considerar seus saberes prévios para que eles possam ressignificar seus conhecimentos, viabilizando, assim, um autêntico processo de aprendizagem. É fundamental que o formador intencionalmente invista no levantamento dos saberes dos participantes, o que lhe possibilita, também, retomar as contribuições de cada um para enfatizar ou esclarecer alguns aspectos dos conteúdos e conceitos que serão apresentados, conforme o caso.

Durante o levantamento de conhecimentos prévios, recomenda-se que o formador tome certos cuidados, como evitar o uso de expressões como “O que você falou é correto” ou “O que você falou é errado”, pois poderá inibir a participação dos educadores. É mais prudente que se tenha uma postura de acolhimento que procure estimular e valorizar as contribuições, recorrendo, por exemplo, a intervenções como “Isso é muito interessante” ou “Isso que você está falando é polêmico, mas discutiremos durante a formação”.

A ideia é mobilizar os educadores para o tema que será trabalhado. Para que isso aconteça, é preciso criar um ambiente propício e favorável à participação de todos, despertando o interesse e criando situações provocativas. No caso desta pauta, são propostas atividades para mobilizar os conhecimentos que os participantes já possuem sobre Protagonismo Juvenil. Conhecer esses saberes oferece referências para o formador sobre o que enfatizar ao longo da discussão.

É um equívoco pensar que os conhecimentos já adquiridos devem ser acionados apenas no início da formação. Na realidade, acionar os saberes prévios dos participantes deve ser uma prática constante no processo formativo, especialmente quando o foco é trabalhar com determinados conceitos, valores ou ideias que se quer fortalecer ou discutir. Dessa maneira, ao longo de toda a formação, os participantes podem confrontar seus conhecimentos anteriores com os que estão sendo tratados e, assim, construir novos saberes.

É possível, por exemplo, logo após o levantamento de conhecimentos prévios, realizar uma breve sistematização, com maior ou menor profundidade, de acordo com os saberes diagnosticados. A sistematização será tratada no item 1.5.





Atividade 1 – Apresentação do cenário

O objetivo desta atividade é conhecer o entendimento dos participantes da formação sobre Protagonismo Juvenil e o que pensam sobre a forma como estão estabelecidas as relações entre jovens e adultos nessa escola.

Para isso, são necessários os seguintes materiais: uma cópia do texto *Cenário na Diretoria de Ensino* (a seguir) por participante; cinco tarjetas de cartolina de 5 cm × 15 cm por participante; uma caneta hidrocor por participante; painel para fixar as tarjetas; fita-crepe. O tempo destinado a essa atividade não deve ultrapassar 15 minutos.

Sugere-se que, após a distribuição dos materiais para os participantes, o formador informe a eles o objetivo da atividade e proponha sua realização.

Leia o texto e, em seguida, responda à questão.

Cenário na Diretoria de Ensino

Depois de analisar a Agenda da Escola e o horário de aulas, a Professora Coordenadora do Núcleo Pedagógico (PCNP) planejou ir à E.E. Jardim Esmeralda no dia em que estava programada uma reunião, das 14h40 às 15h30, entre o Diretor e os 14 Líderes de Turma. Segundo a Agenda do Diretor, a pauta da reunião tinha como tema principal a Culminância das Disciplinas Eletivas do 1º semestre. A PCNP participou da reunião e no dia seguinte conversou com o Supervisor de Ensino sobre o fato, relatando o seguinte: na hora combinada, o Diretor pediu para a Agente de Organização Escolar chamar os 14 Líderes em suas salas de aula e acomodá-los numa sala. O Diretor iniciou a reunião cumprimentando os Líderes de Turma, falando de sua importância para a gestão democrática da escola e para o alcance das metas do Plano de Ação. Disse que já havia validado com os Professores Coordenadores de Área (PCA), a Professora Coordenadora Geral (PCG) e a Vice-diretora a programação da apresentação das Disciplinas Eletivas³, que aconteceria no próximo sábado, dia letivo conforme o calendário. Leu a programação e cada aluno pôde fazer suas observações e dar sugestões.

A PCNP citou como exemplo o aluno Luan, do 9º ano, que disse que na Culminância⁴ das Disciplinas Eletivas da qual participava haveria uma apresentação de rock da década de 1960, com os alunos

³ As Disciplinas Eletivas representam possibilidades para que o aluno possa aprofundar os conhecimentos trabalhados nas diferentes áreas curriculares, ampliar o domínio das habilidades de leitura e compreensão de textos e desenvolver as demais competências e habilidades previstas no Currículo do Estado de São Paulo. A escolha, pelos alunos, das Disciplinas Eletivas que irão cursar pode refletir as expectativas relacionadas ao seu Projeto de Vida, que começa a ser elaborado quando ingressam na escola do Programa Ensino Integral. Nesse contexto, os tutores têm a oportunidade de fazer uma leitura das expectativas dos alunos por meio das Disciplinas Eletivas que escolhem, analisando a adequação dessa escolha de acordo com seu Projeto de Vida. Assim, os tutores têm papel importante no acompanhamento da elaboração do Projeto dos alunos, podendo contribuir para que eles reflitam e façam as melhores escolhas quanto às Disciplinas Eletivas que irão cursar.

⁴ As Disciplinas Eletivas devem ser planejadas de modo a culminar com a realização de um produto final a ser apresentado para toda a comunidade escolar sob a forma de uma exposição dos trabalhos desenvolvidos pelos alunos, uma apresentação de uma peça teatral/musical, uma palestra ou uma mesa de debates feita por alunos. É imprescindível que o aluno protagonize este momento, em que ele evidenciará o que aprendeu. Essa apresentação - chamada Culminância - ocorrerá no final do semestre, com ampla divulgação junto à comunidade escolar, e espera-se que, nela, haja participação expressiva.



vestidos a caráter, e perguntou se poderia trazer um amigo que tocava baixo para participar da apresentação. O Diretor quis saber se os colegas de classe também tocariam nesse dia e disse que Luan poderia trazer o amigo para participar. A aluna Carolina, do 8º ano, sugeriu que os pais que comparecessem à apresentação recebessem uma mensagem de agradecimento da escola e o Diretor disse que veria com a Gerente de Organização Escolar o que poderia ser feito nesse sentido. O Diretor estimulou os alunos a participar da reunião, sempre dando oportunidade para os 14 Líderes exporem suas opiniões. Ao final, validou com os Líderes a Culminância e disse que contava com eles no sábado e com o estímulo que poderiam dar aos colegas para comparecerem à atividade.

A PCNP queria discutir com o Supervisor sobre alguns conceitos de Protagonismo Juvenil que pensava não serem plenamente compreendidos pela equipe de gestão da escola, em especial pelo Diretor.

Questão

Com base na leitura do cenário, identifique situações que você acredita terem contribuído para que a PCNP se preocupasse com o não entendimento do conceito de Protagonismo Juvenil pela equipe da E.E. Jardim Esmeralda. Escreva cada uma delas em uma tarjeta e cole-as no painel colocado na frente da sala.

Pode-se estabelecer um tempo para que os participantes fixem as tarjetas com as respostas no painel.

Ao analisar o cenário apresentado, é possível que eles destaquem as seguintes situações, entre outras:

- ☉ “Segundo a Agenda do Diretor, a pauta da reunião tinha como tema principal a Culminância das Disciplinas Eletivas do 1º semestre.” No entanto, ele já havia validado, com os PCA, a PCG e a Vice-diretora, a programação da apresentação das eletivas, que aconteceria no próximo sábado, dia letivo conforme o calendário.
- ☉ O Diretor “leu a programação e cada aluno pôde fazer suas observações e dar sugestões”. Dessa maneira, a participação dos alunos ficou restrita a opinar sobre decisões já tomadas.
- ☉ “A PCNP citou como exemplo o aluno Luan, do 9º ano, que disse que, na Culminância da Disciplina Eletiva da qual participava, haveria uma apresentação de rock da década de 1960, com os alunos vestidos a caráter, e perguntou se poderia trazer um amigo que tocava baixo para participar da apresentação. O Diretor quis saber se os colegas de classe também tocariam nesse dia e disse que Luan poderia trazer o amigo para participar.” Mais uma vez, a situação indica que a ação do Diretor restringiu o campo de possibilidades de os alunos atuarem nas decisões sobre a Culminância.
- ☉ “A aluna Carolina, do 8º ano, sugeriu que os pais que comparecessem à apresentação recebessem uma mensagem de agradecimento da escola e o Diretor disse que veria com a Gerente de Organização Escolar o que poderia ser feito nesse sentido.” Nesse caso, como nos anteriores, a expressão do Protagonismo dos jovens ficou condicionada à ação do Diretor e de alguns funcionários.
- ☉ “O Diretor estimulou os alunos a participar da reunião, sempre dando oportunidade para os 14 Líderes exporem suas opiniões.” Ratificando a questão apresentada na segunda hipótese, nessa situação os alunos apenas vão expor suas opiniões a respeito de decisões já tomadas.





- ☞ Ao final da reunião, o Diretor “validou com os Líderes a Culminância e disse que contava com eles no sábado e com o estímulo que poderiam dar aos colegas para comparecerem à atividade”. Assim como nas outras possibilidades, não houve espaço para a atuação autônoma do jovem, ficando sua ação restrita às decisões previamente acordadas pela gestão escolar.

Na discussão das contribuições, é fundamental que os participantes as analisem segundo os princípios, valores e premissas do Programa, na expectativa de que cada um tenha elementos para, se for o caso, rever ou ampliar suas posições.

O formador pode, ainda, destacar outras possibilidades de interpretação caso entenda que isso seja necessário para a adequada compreensão do princípio do Protagonismo Juvenil.

1.3. PROBLEMATIZAÇÃO DA PRÁTICA

Provavelmente, o formador, ao longo de seus estudos e vivências, pôde perceber que, apesar de o Programa Ensino Integral oferecer tempos e espaços para a formação continuada, nem sempre é tarefa fácil contribuir para a formação dos educadores. Sabe também que, para a formação ocorrer, são imprescindíveis, especialmente, investimento pessoal e disponibilidade dos participantes para aprender. Outro fato a considerar, quando se fala em formação continuada, é a necessidade de coerência entre o que se propõe na formação e os resultados que se espera do percurso formativo. Assim, para alcançar o objetivo da escola do Programa Ensino Integral, que é formar alunos autônomos, solidários e competentes, é necessário que os professores sejam reflexivos e críticos, atuando como investigadores e protagonistas de sua prática. Por homologia de processo, isso vale para os gestores, incluindo os Supervisores de Ensino e os PCNP.

Desse modo, é importante que a metodologia usada na problematização seja menos transmissiva e mais dialógica, na expectativa de estimular a reflexão dos participantes sobre suas práticas, permitindo-lhes examinar as teorias que as orientam, ainda que nem sempre de maneira explícita. Essa reflexão favorece a autoavaliação dos participantes em relação a sua prática, elemento fundamental para o desenvolvimento de sua autonomia profissional. Além disso, a postura dialógica pode estimular o trabalho colaborativo na Diretoria de Ensino e na escola, em todos os seus segmentos.

Não é tarefa simples preparar ações formativas problematizadoras da prática, ou seja, que exijam que os educadores acionem seus conhecimentos prévios e, por meio da reflexão sobre a situação discutida, construam novos conhecimentos. As pautas de formação que privilegiam apenas as atividades de leitura e discussão de textos ou socialização de experiências, sem criar espaços para a reflexão sobre as práticas cotidianas e os saberes dos participantes, pouco contribuem para a construção desses novos conhecimentos.

Portanto, nas situações formativas, é necessário que as reflexões sejam realizadas com base em situações extraídas da realidade das escolas, por meio, por exemplo, da observação realizada em sala de aula pelos PCA e PCG ou dos resultados obtidos pelos alunos nas avaliações internas e externas da escola. As Sessões de Acompanhamento Formativo realizadas nos Ciclos de Acompanhamento Formativo e os respectivos Relatórios Consolidados do Ciclo Formativo também oferecem muitos indicadores sobre as demandas formativas da equipe escolar. Os Planos



Individuais de Aprimoramento e Formação (PIAF) também são instrumentos de referência para as Diretorias de Ensino e as escolas definirem as demandas formativas dos profissionais que atuam no Programa Ensino Integral.

A problematização deve permitir um distanciamento crítico das questões levantadas, tornando possível a análise objetiva da realidade. Um dos recursos usados nas ações formativas para realizar a problematização é a construção de cenários, desde que sejam factíveis no contexto educacional que se pretende analisar, como aquele utilizado na Atividade 1. Nesses cenários, é possível observar a realidade e analisar aspectos relevantes, identificando quais fatores geram os possíveis problemas e as maneiras como eles podem ser trabalhados e corrigidos. Essa discussão gera saberes relevantes para que cada participante possa analisar criticamente a própria realidade profissional, para a adoção das estratégias necessárias para que os objetivos do Programa sejam alcançados.

Atividade 2 – Sessão de estudos

Nesta atividade, a proposta é realizar uma sessão de estudos na qual os participantes farão a leitura individual dos textos indicados no Anexo 1 e 2.

É importante que o formador cumpra o tempo predefinido para o desenvolvimento da atividade, garantindo que a pauta seja realizada sem atropelos. Sugere-se, se possível, encaminhar os textos com antecedência para leitura prévia dos participantes.

Após a leitura dos artigos, pode-se solicitar que os participantes se organizem em grupos, de acordo com o número de presentes. A proposta é que, com base nos textos e no painel construído na atividade anterior, eles discutam coletivamente as questões a seguir.

- 🌀 **Formas de participação do jovem.** Quais as formas de participação dos jovens propostas no texto *Protagonismo juvenil*: um conceito em construção? Quais delas podem ser identificadas no cenário em análise?
- 🌀 **Participação autêntica.** Na escala evolutiva das posturas do educador elencadas no texto, quais delas incentivam a participação autêntica dos alunos? Esse tipo de participação está presente no cenário em análise?
- 🌀 **Papel do educador diante das ações protagonistas.** Qual o papel dos educadores diante das ações protagonistas? Os educadores, no cenário em análise, desenvolvem ações que estimulam o Protagonismo Juvenil?

Nesta atividade, a opção para retomar com os participantes o conceito de Protagonismo Juvenil foi a leitura de um texto. Esse tipo de ação auxilia na formação teórica e, quando associada à análise de um cenário – uma situação hipotética –, permite ao gestor refletir sobre sua prática com base na teoria. Segundo José Carlos e Vera Barreto (1990), quando a reflexão sobre a prática permite identificar a teoria que a sustenta, o sujeito pode ressignificar e modificar sua prática, aprimorando, assim, sua atuação profissional.





Após a discussão sobre o texto e sua articulação com o cenário apresentado, o formador pode passar para a Atividade 3, desenvolvida de forma dialogada.

Atividade 3 – O exercício do Protagonismo Juvenil

Sugere-se, de início, solicitar aos participantes que, oralmente, deem exemplos de inovações presentes no Programa Ensino Integral que possibilitam o desenvolvimento de práticas fundamentadas no Protagonismo Juvenil. É importante retomar com eles o conceito de Protagonismo Juvenil: “processo no qual o jovem é simultaneamente sujeito e objeto das ações no desenvolvimento de suas potencialidades” (*Diretrizes do Programa Ensino Integral*, 2014).

Em seguida, a proposta é que os participantes se organizem em grupos de quatro pessoas e que cada grupo discuta e apresente pelo menos uma característica das seguintes estratégias do Programa articulada ao Protagonismo Juvenil: Acolhimento, Líderes de Turma e Clubes Juvenis. As considerações dos grupos serão anotadas em uma folha de papel, previamente distribuída pelo formador.

Após a entrega dos registros, o formador pode abrir espaço para que os grupos exponham suas reflexões, uns complementando os outros. Espera-se que os participantes apresentem algumas das seguintes respostas:

- 🕒 **Líderes de Turma** – A existência de Líderes de Turma nas escolas do Programa Ensino Integral é uma das inovações que possibilitam aos jovens e adolescentes atuar como protagonistas. No cenário apresentado, os Líderes já estão definidos e participam de reuniões com os gestores da escola. Conforme já definido nas *Diretrizes do Programa Ensino Integral*, Líder de Turma é o aluno que, indicado e eleito pelos colegas, desempenha o importante papel de representá-los junto à equipe escolar, especialmente junto à direção da escola. Portanto, o Líder tem a responsabilidade de ouvir as necessidades e os interesses da turma e, orientado pela direção e pelos professores, de estimular a participação dos colegas nas ações e decisões da escola, por meio de vivências de liderança, agindo como protagonista.

É importante reforçar a ideia de que o desenvolvimento do Protagonismo Juvenil deve ser oportunizado em todos os momentos e espaços escolares: na escolha das Disciplinas Eletivas pelos alunos, no Acolhimento, nos Clubes Juvenis, no Grêmios Estudantil, na preparação de aulas utilizando estratégias para que o aluno possa expor suas descobertas e dúvidas, criando situações em que ele se motive a buscar respostas, construindo o conhecimento por meio de métodos científicos, entre outros.

- 🕒 **Acolhimento** – As dinâmicas realizadas no Acolhimento objetivam despertar nos alunos ingressantes os valores e as bases essenciais para sua integração à comunidade escolar e, sobretudo, ao projeto escolar inovador. É considerado o marco zero do Projeto de Vida, pois leva os estudantes à revelação de seus sonhos, à reflexão sobre seus objetivos e à sistematização de suas



metas, que terá continuidade ao longo dos anos com o apoio de metodologias específicas desenvolvidas pelos educadores. É no Acolhimento que os alunos percebem que são capazes de lutar por seus sonhos e que, para isso, precisam se sentir responsáveis também por seu aprendizado. O Acolhimento, em geral, provoca mudanças e traz novas expectativas em relação à escola; logo, se a escola não se mostrar aberta, acolhedora e comprometida, essas expectativas se esvairão.

- 📍 **Clube Juvenil** – Trata-se de um espaço destinado ao adolescente e ao jovem, no qual ele poderá desenvolver diversas competências e habilidades, entre elas a autonomia, a capacidade de trabalhar em equipe e de tomar decisões e a auto-organização. É organizado pelos estudantes de acordo com determinada área de interesse, para o desenvolvimento de atividades relacionadas à sua temática e à socialização e troca de experiências nele vivenciadas. Mais que um espaço de criação ou de lazer, o Clube objetiva que os estudantes, norteados por planos de ação e práticas próprias de gestão, exercitem o convívio e as práticas de organização, sempre contribuindo para o sucesso de toda a comunidade escolar.

Esse tipo de atividade, orientada por um cenário construído com base na realidade das escolas, garante que os participantes possam identificar situações vivenciadas no próprio cotidiano escolar. Essa aproximação entre a realidade da pessoa que aprende e a situação problematizada contribui para que a formação seja significativa e tenha desdobramentos na prática destes profissionais. Isso porque o exercício favorece a reflexão individual e coletiva, fortalecendo as aprendizagens dos participantes, bem como a convivência e a interação entre eles.

Convite à reflexão

Tomando como referência a última ação formativa de que você participou, responda: *Qual situação problematizadora ancorou a pauta da formação?*

1.4. SOCIALIZAÇÃO

Depois da problematização das ações do cotidiano das escolas, a fim de possibilitar a reflexão dos participantes e, com isso, a circulação de diferentes saberes entre eles, chega a hora de socializar as ideias. Esse é o momento de sintetizar as discussões e, conseqüentemente, ressaltar o que é mais importante na reflexão desenvolvida.

Embora possa parecer de fácil mediação, é importante que o formador se prepare para essa etapa da pauta da mesma forma que se preparou para realizar as demais atividades.

Com os participantes organizados nos mesmos grupos da Atividade 3, sugere-se apresentar o *slide* que convida à socialização.





Slide 1.12.

O formador pode, então, estabelecer alguns acordos com os participantes: concentrar atenção especial ao que se está apresentando, ouvir atentamente as contribuições dos colegas, respeitar o tempo de cada grupo, a fim de garantir que todos se apresentem. É importante dividir o tempo de uma hora reservado a essa etapa entre o número de grupos e informá-los do tempo máximo previsto para cada apresentação.

Após o estabelecimento desses acordos, a proposta é convidar um representante de cada grupo para sintetizar as reflexões realizadas na Atividade 3. Os participantes valorizam esse momento pela possibilidade de compartilhar suas ideias com os demais. Esse é um momento de muita riqueza para a formação, pois o formador consegue identificar as concepções e as práticas, neste caso, dos profissionais que atuam no Programa Ensino Integral, o que é fundamental para todo o percurso formativo.

Depois da apresentação dos grupos, o formador pode sintetizar as principais ideias apresentadas.

Alguns equívocos costumam prejudicar a etapa da socialização, entre eles:

- ☉ O formador considera que esse é um momento para correção da atividade desenvolvida anteriormente e faz isso durante a apresentação do representante do grupo.
- ☉ O formador faz intervenções na apresentação dos participantes que deveriam ser feitas posteriormente, durante a sistematização.
- ☉ O profissional escolhido pelos pares para representar o grupo usa o tempo de apresentação para falar sobre as próprias ideias e experiências, esquecendo-se da proposta inicial.



- ☉ O formador deixa de registrar pontos importantes na apresentação dos participantes e, conseqüentemente, não os leva em conta na sistematização. Com isso, perde a oportunidade de aproximar a prática da teoria.

A respeito desses possíveis equívocos, vale acrescentar algumas considerações. A primeira delas refere-se ao sentido com que o termo “correção” é utilizado quando se afirma que a socialização não é “um momento para correção da atividade desenvolvida anteriormente”. “Correção” significa, nesse contexto, apontar erros na condução e conclusão da atividade, como dizer ao participante: “Não era isso que foi solicitado ao grupo” ou “Você entendeu errado a atividade”. Caso alguma atividade tenha sido desenvolvida equivocadamente, é importante que o formador analise as causas desse fato, que podem estar no encaminhamento dado por ele, no texto utilizado para a orientação da atividade ou no entendimento equivocado de um ou mais profissionais. Essas possibilidades ficam minimizadas quando o formador apoia os participantes durante a realização da atividade, observando como cada grupo desenvolve as ações propostas. Tal postura evita equívocos e desconforto durante a socialização.

No entanto, se o formador perceber, durante a socialização, que algo não saiu conforme o esperado, recomenda-se que analise a necessidade de intervir para recuperar a discussão, refletindo se ela é fundamental naquele instante, já que uma intervenção mal colocada pode comprometer o restante da formação. Também é possível fazer uma intervenção no decorrer das próximas atividades, caso o formador avalie que essa atitude contribuirá para o alcance dos objetivos geral e específico da formação. Acredita-se que esse seja o melhor encaminhamento a ser dado pelo formador.

Outro ponto a ser destacado é que o ideal é o formador não fazer muitas intervenções durante a socialização, porque esse é o momento de o participante expor a síntese da discussão realizada. Há situações, porém, nas quais intervenções são necessárias, para não comprometer o aprendizado do grupo. Por exemplo: se um participante confunde a estruturação de uma Disciplina Eletiva com a do Clube Juvenil, é importante intervir rapidamente para garantir a continuidade da explanação e ajustar os conceitos do próprio profissional. Essa intervenção, porém, não pode ocupar muito tempo, pois o momento propício para o alinhamento de conceitos é a sistematização, próxima etapa da metodologia na formação continuada.

Destaca-se, ainda, que é fundamental que o formador, em suas intervenções, não relate suas vivências como se fossem a referência ou o foco de atenção dos participantes durante a discussão. Dito de outra forma, o formador não pode usar o tempo da formação para tratar de suas ideias nem de sua experiência com o Programa, a não ser que isso seja solicitado pelo grupo ou que esteja planejado na pauta. O mais importante na formação dos educadores é o que cada um tem a dizer e as aprendizagens que podem ser asseguradas ao grupo em decorrência de sua fala.

O terceiro equívoco citado refere-se ao fato de que, na socialização, nem sempre o escolhido pelos pares restringe-se a apresentar as conclusões de seu grupo. Ainda que tenha a incumbência de, em nome dos colegas, apresentar a síntese das discussões realizadas, ele pode, mesmo sem perceber, desviar do que foi combinado, passando a falar em seu nome e até de outros assuntos que não estavam na pauta. Nesse caso, sugere-se que o formador intervenha com alguma pergunta que possibilite ao representante do grupo retornar ao tema. Intervenções mais radicais, como solicitar ao participante que volte ao combinado com o grupo ou mesmo que interrompa sua fala, são





aconselháveis apenas quando o formador perceber que se trata de uma solicitação dos colegas. O risco da interrupção abrupta da fala do participante é levar o grupo a reprovar a atitude do formador, por entender que o espaço e o tempo de formação continuada também podem ser usados para a exposição das ideias dos participantes, estando ou não de acordo com a proposta inicial da atividade. Essa é uma das sutilezas da socialização. É preciso muita atenção do formador para percebê-las!

Cabe ao formador, portanto, ser o moderador desse momento, pois garantir que todos tenham o direito de expor o trabalho proposto é estimular o desenvolvimento da Corresponsabilidade, uma premissa do Programa. Vale lembrar que tanto está equivocado o profissional que quer ocupar todos os momentos com suas ideias e vivências como aquele que tem o que falar e dividir com os colegas, mas se omite. Daí o papel fundamental exercido pelo formador: estimular os participantes, respeitando os que não querem compartilhar ideias.

O quarto ponto destacado, entre os possíveis equívocos na formação, é a importância de o formador registrar as contribuições dos diferentes grupos durante a socialização a fim de ter subsídios para a sistematização. É por meio desse levantamento que ele obtém pistas sobre as futuras necessidades de alinhamentos e ajustes, bem como sobre os conhecimentos, as intenções, as posturas, as atitudes e os fazeres dos profissionais. Por isso, a habilidade de registrar resumidamente o que é percebido, lido e ouvido é uma prática que qualifica a atuação do formador, e é fundamental exercitá-la.

Convite à reflexão

Em *Os seis desafios do formador*, Cristiane Pelissari trata, em linguagem simples, de questões relacionadas ao formador, trabalhando com a ideia de que ele desenvolve, ao longo de sua formação, uma gama específica de saberes. Vale a pena conferir quais são esses saberes e como incorporá-los ao cotidiano do formador.

📧 PELISSARI, Cristiane. *Os seis desafios do formador*. Avisa Lá, n. 30, p. 28-34, abr. 2007. Disponível em: <http://www.avisala.org/0213465799/avisala_30.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2014.

1.5. SISTEMATIZAÇÃO

Essa etapa visa apoiar os participantes a sistematizar os conhecimentos construídos anteriormente, com atividades que correspondam às expectativas de aprendizagem definidas para a formação.

Quando o formador elabora uma pauta formativa, é fundamental que planeje os momentos de sistematização, de maneira que seja possível retomar, de forma organizada, os conhecimentos que serão trabalhados durante a atividade, permitindo tanto a ressignificação e a consolidação de conceitos já familiares aos participantes como a aprendizagem dos conceitos e fundamentos do Programa dos quais eles ainda não se apropriaram.

A atuação do formador requer o entendimento de que os educadores não estão participando da formação para ter aulas sobre certo conteúdo, mas para reconstruir determinados conhecimentos

por meio da interação com as práticas profissionais dos demais participantes e com as teorias que as embasam.

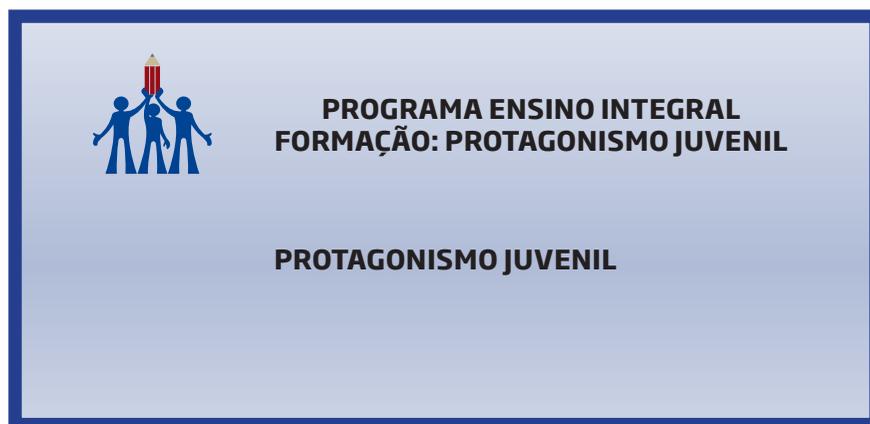
É fundamental que, durante a sistematização, o formador tenha o cuidado de evitar a postura professoral, como se ele fosse o único detentor do conhecimento. É importante estabelecer uma relação de parceria, de encontro, de possibilidades para a apropriação de novos conceitos e o conhecimento de outras experiências. Uma das formas de viabilizar essa relação de parceria é realizar uma rápida sistematização dos conhecimentos prévios, valorizando-os e aprofundando-os, a fim de aproveitar as contribuições dos participantes e retomar os conceitos e discussões fundamentais para a continuidade da formação.

Existem várias possibilidades de uso da sistematização. No caso desta pauta, propõe-se sua realização logo após a socialização da Atividade 3. Isso porque, quando se realiza uma atividade em grupo, é possível verificar posições interessantes a respeito da proposta em discussão, assim como alguns equívocos. A ideia é que, se o formador preparou previamente uma sistematização de ideias, por meio de *slides* ou painéis, ele faça uso desse momento para desenvolvê-la.

Na elaboração de uma pauta, é importante prever um tempo determinado para a sistematização que se constitua como oportunidade ímpar de aprendizagem profissional, retomando, conforme necessário, conceitos, valores, princípios e premissas.

São diversas as possibilidades de realizar a sistematização: por meio de apresentação de *slides*, de quadro-síntese na lousa ou de resumo impresso das ideias principais, por exemplo. Enfim, o formador pode utilizar a forma que considerar mais apropriada ao momento e ao público-alvo da formação.

Para dar início à sistematização, sugere-se apresentar o *slide* a seguir e informar aos participantes que será realizada uma atividade de sistematização com *slides*.



Slide 1.13.

É interessante que o formador comente com os participantes que o Protagonismo Juvenil é um dos princípios pedagógicos das escolas do Programa Ensino Integral, imprescindível para viabilizar





seu objetivo mais importante, que é a formação de jovens autônomos, competentes e solidários. O aluno é protagonista na condução de ações das quais ele é sujeito e, simultaneamente, objeto de suas várias aprendizagens.

Embora a adolescência possa ser encarada como uma fase de vulnerabilidade aos comportamentos de risco – consumo de drogas, violência e prática de sexo sem segurança –, para o Programa é fundamental que os estudantes sejam vistos como agentes capazes de fazer escolhas, atuando ativamente de maneira responsável na vida escolar e na sociedade. O educador Antonio Carlos Gomes da Costa aponta que o Protagonismo Juvenil:

“é uma forma de atuação com os jovens, a partir do que eles sentem e percebem da sua realidade. Não se trata de uma atuação para os jovens, muito menos de uma atuação sobre os jovens. Portanto, trata-se de uma postura pedagógica visceralmente contrária a qualquer tipo de paternalismo, assistencialismo ou manipulação.” (COSTA; VIEIRA, 2006, p. 23.)

Nesse período da vida, em que o adolescente e o jovem procuram e experimentam oportunidades para criar espaços, participar e ser ouvidos dentro e fora da escola, é fundamental garantir que eles tenham acompanhamento e orientação dos educadores. Para que isso ocorra, o ambiente escolar deve ser cuidadosamente planejado para permitir que o educando desenvolva autoconfiança, autodeterminação, autoestima, autonomia, capacidade de planejamento, altruísmo e perseverança, elementos imprescindíveis no desenvolvimento de suas habilidades e competências para a conquista de sua identidade pessoal e social.

As práticas e vivências em Protagonismo Juvenil proporcionam ao adolescente e ao jovem agir com autonomia, ou seja, contribuem para que os estudantes saibam o que querem e se empenhem para realizar seus objetivos de modo consequente, conferindo-lhes melhores condições para o enfrentamento e resolução de problemas que os desafiam.

Após essa discussão, o formador pode passar para o *slide* seguinte.

PROGRAMA ENSINO INTEGRAL
FORMAÇÃO: PROTAGONISMO JUVENIL

Adolescente/Jovem

Autônomo	Solidário	Competente
Capaz de avaliar e decidir, baseado em suas crenças, valores e interesses.	Capaz de envolver-se como parte da solução, e não do problema.	Capaz de compreender as exigências do mundo produtivo e de desenvolver as habilidades específicas requeridas para seu Projeto de Vida.

Slide 1.14.



Com base no *slide*, é interessante questionar os participantes: *Qual é o papel do educador quanto ao Protagonismo Juvenil?*

Como se vê, o educador tem, no Programa Ensino Integral, uma postura de constante presença junto aos educandos, estabelecendo uma relação mais “horizontal” com eles, sem, contudo, abrir mão de seu papel; ou seja, ele não abandona sua função educativa, e sim coloca os adolescentes e jovens em posição de destaque no que diz respeito aos processos decisórios, adotando uma postura de apoio e colaboração em relação a eles.

Uma relação mais “horizontal” entre educador e educando pressupõe a adesão ao diálogo e o respeito à diversidade, em um contexto em que sejam valorizados e estimulados o respeito às diferenças e a busca pelo bem comum. Essa postura, portanto, exige o repúdio a qualquer forma de autoritarismo dentro e fora da instituição escolar.

O papel do educador, dessa forma, é essencial para o desenvolvimento do Protagonismo Juvenil, desde que assuma intencionalmente a corresponsabilidade de desenvolver a autonomia dos jovens, evitando as ações e estratégias que promovam a dependência ou a acomodação.

A esse respeito, podem ser propostas algumas reflexões aos participantes: *Como desenvolver o Protagonismo Juvenil para que o aluno comece a exercitá-lo já no 6º ano do Ensino Fundamental – Anos Finais? O que está sendo desenvolvido nas aulas de Protagonismo Juvenil do Ensino Fundamental – Anos Finais? A equipe escolar discute essa temática? Como as aulas dos diversos componentes curriculares podem auxiliar no desenvolvimento de práticas que promovam o Protagonismo Juvenil? Qual o grau de autonomia dos alunos em uma Feira de Ciências? E na apresentação de um seminário de História ou Geografia? Qual a concepção de Protagonismo Juvenil dos professores quando propõem um projeto a ser desenvolvido em sua disciplina ou na escola?*

É importante lembrar que as situações de aprendizagem propostas no Currículo do Estado de São Paulo preveem o Protagonismo do aluno. Pôr em prática o Currículo é levar o jovem a desenvolver práticas em Protagonismo Juvenil.

Nesse sentido, Antonio Carlos Gomes da Costa (2001) desenvolve a ideia de que a relação educador-educando deve progressivamente caminhar da relação de dependência para a de autonomia. É necessário, portanto, que a equipe escolar esteja atenta para que as formas de participação juvenil não se resumam à pseudoparticipação ou à participação inautêntica dos adolescentes e jovens, como se pode verificar no *slide* 1.15.

Vale comentar com os participantes que, no *slide* 1.15, na forma mais “avançada” de participação, a operacional, os alunos apenas participam da execução de ações que foram previamente planejadas, situação que não caracteriza o Protagonismo Juvenil.





Slide 1.15.

O formador pode, então, apresentar para os participantes, em um *slide*, o Quadro 2, que explicita as formas de relação dos alunos com os educadores na escola: dependência, colaboração e autonomia.

Etapas de uma ação protagonista e formas de relação educador-educando			
A relação entre educadores e jovens			
Etapas	Dependência	Colaboração ⁵	Autonomia ⁶
1. A iniciativa da ação	Iniciativa unilateral dos educadores.	Os educadores e os jovens discutem se devem ou não assumir uma iniciativa.	A iniciativa da ação parte dos próprios jovens.
2. O planejamento da ação	Os educadores planejam [a ação] sem a participação dos jovens.	Os educadores e os jovens planejam juntos a ação.	Os jovens planejam o que vai ser feito.

⁵ O principal padrão de relacionamento na adolescência é a colaboração.

⁶ A autonomia não elimina o papel do educador como facilitador.



Etapas de uma ação protagonista e formas de relação educador-educando			
A relação entre educadores e jovens			
Etapas	Dependência	Colaboração ⁷	Autonomia ⁸
3. A execução da ação	Os educadores executam e os jovens recebem a ação.	Os educadores e os jovens executam juntos a ação planejada.	Os jovens executam o que foi planejado.
4. A avaliação da ação	Os educadores avaliam os jovens.	Os educadores e os jovens discutem o que e como avaliar a ação realizada.	Os próprios jovens avaliam a ação realizada.
5. Apropriação dos resultados da ação	Os resultados da ação são inteiramente apropriados pelos educadores.	Os educadores e os jovens compartilham os resultados da ação desenvolvida.	Os jovens se apropriam dos resultados.

Fonte: COSTA; VIEIRA, 2006, p. 178.

Quadro 2.

Com base no Quadro 2, o formador pode explicar que, para atingir uma relação de autonomia entre educando e educador, é necessário, entre outros aspectos:

- ☉ conceber o estudante como fonte de ideias, de participação, e não simplesmente como receptor ou porta-voz daquilo que os adultos dizem ou fazem em relação a ele;
- ☉ assegurar a criação de espaços e de mecanismos de escuta e participação para que o próprio aluno possa empreender a realização de suas potencialidades pessoais e sociais;
- ☉ conceber o Protagonismo Juvenil como a participação autêntica⁹ do estudante e não como um projeto ou ação isolada.

O papel do educador diante do adolescente/jovem protagonista é o de:

- ☉ ajudá-lo a identificar a situação-problema e a se posicionar diante dela;
- ☉ empenhar-se para que o aluno não desanime nem se desvie dos objetivos propostos;
- ☉ favorecer o estabelecimento de vínculos entre os membros do grupo;
- ☉ zelar permanentemente para que a iniciativa do estudante seja compreendida e aceita pelos colegas e pelos adultos, apoiando-a e incentivando-a.

Para que o educador possa atuar decisivamente no desenvolvimento do Protagonismo Juvenil, faz-se necessário que ele reúna as seguintes condições, entre outras:

- ☉ ter convicções sólidas a respeito da importância da participação dos alunos na solução de problemas reais na escola e na comunidade;

⁷ O principal padrão de relacionamento na adolescência é a colaboração.

⁸ A autonomia não elimina o papel do educador como facilitador.

⁹ A "participação autêntica" é um conceito criado por Antonio Carlos Gomes da Costa que se refere à participação genuína do jovem, sem manipulação, que só pode se dar em um ambiente democrático. Através dela, o jovem ganha autonomia, autoconfiança e autode-terminação. Para mais informações sobre a participação autêntica, veja a entrevista do autor, disponível em: <http://www.institutoalianca.org.br/Protagonismo_Juvenil.pdf>, acesso em: 28 nov. 2014.





- ☞ conhecer os elementos fundamentais da dinâmica e funcionamento das práticas e vivências em Protagonismo Juvenil;
- ☞ ter algum conhecimento sobre a situação-problema a ser enfrentada ou sobre as expectativas dos adolescentes/jovens em torno de seus planos;
- ☞ demonstrar espírito animador e colaborativo;
- ☞ administrar as possíveis oscilações de comportamento dos jovens;
- ☞ ter controle sobre os próprios sentimentos e reações;
- ☞ estar aberto para colher e compreender as manifestações emitidas pelo grupo.

Em síntese, espera-se que o educador atue como um orientador que estimula o aluno a discutir, a buscar soluções para os problemas, assumindo responsabilidade sobre suas ações. O aluno só será autônomo e protagonista na medida em que exercitar ações autônomas e protagonistas e, para isso, necessita de oportunidades e espaços de vivência e experiência.

Em uma escola, convivem diferentes formas de participação dos jovens. Assim, é possível que haja alunos com relações de dependência, outros com relações colaborativas com os educadores e, ainda, alguns autônomos. Mesmo entre estes, provavelmente haverá diferenças em seus níveis de autonomia. O desafio dos educadores será identificar as diferentes etapas em que os alunos se encontram e planejar, implementar e avaliar as ações necessárias para que eles se tornem autônomos.

A esse respeito, o formador pode retomar com os participantes a ideia apresentada no vídeo utilizado na sensibilização, em que o garoto demonstra uma participação autêntica, ao agir de forma ativa, construtiva, solidária, voluntária e espontânea para solucionar o problema.

Para o encerramento da pauta formativa, sugere-se a utilização do quadro a seguir, que pode ser preenchido coletivamente.

O que já sabia	O que aprendi	O que preciso saber

Quadro 3.

Com base na análise das respostas dadas, o formador e os participantes podem identificar duas questões fundamentais: as aprendizagens proporcionadas pela formação e as demandas formativas que ainda precisam ser trabalhadas.

1.6. AVALIAÇÃO

A avaliação das atividades desenvolvidas é a última etapa e um momento fundamental para a formação, pois seus resultados são importantes para a tomada de decisão com vistas à melhoria das ações a ser realizadas nos próximos encontros e nos acompanhamentos formativos na escola e na Diretoria de Ensino. Dessa maneira, a importância da avaliação está em garantir que os aspectos ressaltados pelos participantes sejam considerados na elaboração de novas pautas formativas.



Nesta pauta, a proposta é que a avaliação seja realizada ao final da formação, a fim de que o participante possa avaliar todo o percurso formativo.

A seguir, apresenta-se uma ficha de avaliação que pode ser usada ao final da formação. Esse modelo é uma sugestão que pode apoiar o formador na construção de instrumentos de avaliação adequados aos objetivos da pauta formativa.

Avaliação da orientação técnica “Protagonismo Juvenil”	
Nome:	
Diretoria de Ensino:	Grupo:
Dia __/__/20__ Manhã – Sensibilização () Muito Bom () Satisfatório () Insatisfatório	
Justifique sua opção:	
Dia __/__/20__ Manhã – Atividade 1 () Muito Bom () Satisfatório () Insatisfatório	
Justifique sua opção:	
Dia __/__/20__ Manhã – Atividade 2 () Muito Bom () Satisfatório () Insatisfatório	
Justifique sua opção:	
Dia __/__/20__ Manhã – Atividade 3 () Muito Bom () Satisfatório () Insatisfatório	
Justifique sua opção:	
Dia __/__/20__ Tarde – Socialização () Muito Bom () Satisfatório () Insatisfatório	
Justifique sua opção:	
Dia __/__/20__ Tarde – Sistematização () Muito Bom () Satisfatório () Insatisfatório	
Justifique sua opção:	
Observações gerais e sugestões (utilizar o verso da folha).	

Quadro 4.

Nessa ficha de avaliação, os dias de formação estão organizados nos períodos da manhã e tarde. Para facilitar o reconhecimento das atividades realizadas durante o dia, elas foram nomeadas de





acordo com a proposta da pauta. Além disso, sugere-se uma escala para a avaliação da atividade, com três gradações: muito bom, satisfatório e insatisfatório. Caso a equipe sinta necessidade, essa escala pode ser ampliada, incluindo outras gradações, como “bom”, “excelente” ou “indiferente”. A análise das informações dos participantes no espaço destinado à justificativa de sua avaliação pode contribuir para que o formador aperfeiçoe a prática de formação.

É importante que o formador leia e analise todas as avaliações, tendo como referência os objetivos do encontro. Isso vai lhe possibilitar dois movimentos¹⁰:

- ☉ sair de si, ou seja, afastar-se de seu papel de formador para colher os dados da realidade objetiva da formação e não da idealizada no que diz respeito às observações dos participantes;
- ☉ refletir sobre sua prática (trazer para dentro de si), com base nos dados da realidade objetiva, para assim poder analisá-la e interpretá-la. É essa reflexão que permite ao formador confrontar suas hipóteses com a realidade observada para diagnosticar o que ele ainda não conhece, com a finalidade de construir um planejamento do que falta observar, compreender, estudar.

Dessa maneira, a análise das avaliações pode contribuir para que a pauta formativa seguinte supere as possíveis inconsistências e possibilite que as formações atinjam os objetivos propostos, aperfeiçoando a interação entre formadores e participantes.

Devolutiva da avaliação

No encontro seguinte, é necessário fazer a devolutiva da avaliação da formação anterior. O movimento da devolutiva consiste em sair de si para a construção de propostas de novas atividades.

A devolutiva não deve ser confundida com uma verificação de procedimentos, dada por intermédio de um parecer escrito ou oral; antes de mais nada, ela é parte do processo formativo. A devolutiva não pode ser compreendida como a oportunidade de responder aos equívocos identificados na formação: ela não é o fim de um processo, mas pode ser o início de uma prática mais consequente e articulada às intencionalidades. Devolutiva é um pensar junto, um levantamento de hipóteses, troca de experiências, argumentação e contra-argumentação, ou seja, um processo compartilhado sobre os temas, metodologia, estratégias, entre outros, trabalhados durante o processo de formação, bem como sobre o sentido, apropriação e participação dos envolvidos no processo formativo. Trata-se de um momento de redirecionamento e reflexão sobre as práticas, com base nas observações feitas pelo grupo durante a formação anterior.



2. PAUTA FORMATIVA 2 – PROJETO DE VIDA

Esta pauta, aplicável a qualquer escola do Projeto Ensino Integral, foi planejada para ser trabalhada na E.E. Jardim Esmeralda, em cinco reuniões sequenciais de HTPC, em resposta ao problema identificado pela PCG: dificuldade dos professores de Projeto de Vida em conscientizar alguns alunos sobre

¹⁰ Inspirados nas lições de Madalena Freire (1996).



a importância da elaboração de seu Projeto de Vida, conforme solicitação do Diretor, apresentada no excerto da ata da reunião semanal de alinhamento vertical (item 2.1.3).

Para isso, é preciso que as atividades propostas na pauta formativa elaborada pela PCG sejam bem planejadas, tenham objetivos claros e se distribuam no tempo adequado, de modo que possam ser interrompidas e retomadas ao longo das cinco HTPC sem que percam o sentido nem haja a impressão de que ficaram incompletas.

Na elaboração da pauta da escola, não serão retomados os comentários feitos em cada uma das partes da pauta desenvolvida para a Orientação Técnica da Diretoria de Ensino. Portanto, é recomendável que, caso surjam dúvidas sobre a função de qualquer uma das etapas da formação (sensibilização, levantamento de conhecimentos prévios, problematização, socialização, sistematização e avaliação), sejam retomados os respectivos comentários.

Como foi dito, a pauta será realizada em cinco encontros:

- ☉ 1º encontro – A importância do Projeto de Vida nas escolas do Programa Ensino Integral.
- ☉ 2º encontro – Projeto de Vida: reflexão sobre atitudes e valores relacionados aos sonhos.
- ☉ 3º encontro – A aula de Projeto de Vida para o Ensino Médio.
- ☉ 4º encontro – Projeto de Vida: monitoramento e avaliação.
- ☉ 5º encontro – Sistematização e avaliação da pauta.

Nesses encontros, cada atividade é considerada uma oficina¹¹, que deverá contemplar os momentos destacados anteriormente. Portanto, cabe ao formador, em cada um deles, utilizar-se da sequência de etapas apresentada na elaboração da pauta formativa 1. A avaliação de cada oficina pode ser realizada segundo as orientações apresentadas no item 2.5.2.

Sugere-se, ainda, que a HTPC, espaço formativo da escola, seja orientada pelo PCG, responsável pela formação continuada da equipe escolar no atendimento de suas demandas formativas (consulte o Volume 1 para obter mais informações sobre esse espaço).

2.1. 1º ENCONTRO – A IMPORTÂNCIA DO PROJETO DE VIDA NAS ESCOLAS DO PROGRAMA ENSINO INTEGRAL

2.1.1. Sensibilização

Sugere-se que o formador, que nesta pauta é a PCG, exiba o seguinte vídeo:

- ☉ *Mariza*. Direção: Constantine Krystallis. Austrália, 2004. 4min25s. Disponível em: <<http://www.animationtime.com/short-films>>. Acesso em: 5 nov. 2014.

¹¹ Trata-se de metodologia de trabalho que prevê a formação coletiva com momentos de interação e troca de saberes a partir da horizontalidade na construção do saber inacabado. Tem como fundamento a relação teoria-prática, sem enaltecer a figura do formador como detentor dos conhecimentos.





Uma possibilidade de interpretação é fazer a analogia entre o cenário descrito no filme e as situações que podem ocorrer na realização de um projeto. Podem-se destacar a importância de que um projeto tenha objetivos claros (por exemplo, fazer o peixe chegar ao restaurante) e a necessidade de ser flexível e persistente para alcançar o que se propôs, recorrendo a diferentes estratégias para engajar os sujeitos envolvidos e replanejando-as sempre que necessário.

No caso do Programa Ensino Integral, pode-se fazer uma analogia entre essas condições e o que se espera das escolas para que sejam criadas as condições necessárias para elaborar e implementar os Projetos de Vida dos alunos e assegurar sua aprendizagem.

É importante que o formador incentive os participantes a discutir as ideias do vídeo, sempre em consonância com os valores, princípios e premissas do Programa Ensino Integral. O tempo para essa atividade não deve ser maior que 30 minutos.

2.1.2. Apresentação dos objetivos

Propõe-se que o formador apresente o *slide* com os objetivos geral e específicos da formação e comente com os professores que algumas HTPC serão reservadas para essa formação sequencial.



**PROGRAMA ENSINO INTEGRAL
FORMAÇÃO: PROJETO DE VIDA**

Objetivo geral:

- ▶ Refletir sobre o Projeto de Vida como eixo norteador do desenvolvimento das ações previstas no Programa Ensino Integral.

Objetivos específicos:

- ▶ Discutir sobre a importância do Projeto de Vida nas escolas do Programa Ensino Integral.
- ▶ Promover reflexões sobre valores e atitudes relacionados aos sonhos.
- ▶ Analisar modelos de aulas de Projeto de Vida para o Ensino Médio.
- ▶ Elaborar, em conjunto com os professores, ações de monitoramento para a construção de indicadores para o Projeto de Vida.

Slide 2.10.

Após a apresentação dos objetivos, o formador pode justificar a elaboração desta pauta para atender à solicitação do Diretor da E.E. Jardim Esmeralda e à demanda dos professores de Projeto de Vida identificada pela PCG, conforme excerto da ata da reunião semanal de alinhamento vertical exposta a seguir.



2.1.3. Apresentação da situação-problema

O Diretor da E.E. Jardim Esmeralda, na reunião semanal de alinhamento vertical com a equipe gestora, perguntou sobre o Projeto de Vida dos alunos do Ensino Médio. A PCG disse que os professores de Projeto de Vida têm muita dificuldade em conscientizar os alunos sobre a importância da elaboração do Projeto e que, ao final do 1º bimestre, alguns ainda não construíram o seu, ou porque não sabem o que querem fazer ao final do Ensino Médio ou porque estão um pouco desinteressados e pensam que não precisam fazer um Projeto de Vida escrito. As alunas Karina e Camila, da 1ª série, e os alunos Matheus, Jorge e Natanael, da 2ª série, estão com o Projeto de Vida totalmente elaborado e, sempre que possível, os professores da disciplina os convidam a falar sobre ele para os colegas, a fim de estimulá-los a construir o seu. O Diretor disse que, excepcionalmente, participaria da próxima HTPC para discutir essa dificuldade com os professores de Projeto de Vida e conversar com eles, em pequenos grupos. Disse que pretendia validar o trabalho que a PCG e a Vice-diretora já estavam desenvolvendo com os professores. Ele pediu à Vice-diretora que estivesse presente nessa reunião, já que ela também é responsável pelos Projetos de Vida dos alunos, e finalizou solicitando que a PCG elaborasse uma pauta formativa para auxiliar os professores.

Nesse exemplo, pode-se observar que a problematização da prática acontece com base em uma situação real – a observação da PCG das aulas de Projeto de Vida –, e não na análise de uma situação hipotética, um cenário. É possível que, neste caso, os professores e os PCA enfrentem algumas dificuldades para a análise objetiva das ações observadas pela PCG, mas essa é uma forma de problematização que permite avanços rápidos e efetivos na prática.

Tanto nessa situação como no uso de cenários, é fundamental que o objetivo e o foco da reflexão sejam bem definidos, uma vez que se pretende assegurar a necessária coerência entre as atividades e os objetivos propostos, e não classificar as ações descritas como corretas ou incorretas.

O ideal é o formador usar cenários e situações de aprendizagem que demonstrem boas práticas de outras escolas, criando oportunidades para que os participantes reflitam sobre o aperfeiçoamento da própria prática, o que vem ao encontro da premissa da Replicabilidade.

No entanto, é necessário que o formador tenha muito cuidado ao selecionar ou elaborar registros, situações-problema ou cenários: para que eles produzam os efeitos esperados, é preciso que tenham estreita relação com as situações que se quer discutir ou com a realidade que se quer analisar.

2.1.4. Retomada de princípios básicos do Programa Ensino Integral

Após a apresentação da situação-problema, recomenda-se que o formador retome o objetivo do Programa Ensino Integral, que é formar o aluno autônomo, solidário e competente. Para isso, sugere-se apresentar o *slide* a seguir.





Slide 2.11.

É importante que o formador proponha a reflexão sobre a situação-problema apresentada, tendo como referência o contexto mais amplo do Programa Ensino Integral, explicitado no *slide* anterior. Essa reflexão pode ser orientada por boas perguntas, que permitam a cada docente analisar, com base em seus saberes prévios, a situação proposta. Cabe ao formador criar condições para que os professores reflitam sobre a teoria subjacente à prática e sobre sua prática em si, a fim de que eles analisem suas ações pedagógicas no cotidiano, diante da formação que se propõe para os alunos.

2.1.5. Problematização

É interessante explicitar aos professores que o objetivo dessa atividade é discutir sobre a importância do Projeto de Vida nas escolas do Programa Ensino Integral e os saberes já construídos por eles sobre o tema.



Recomenda-se que o formador solicite aos participantes que se reúnam em grupos de três ou quatro pessoas e lhes apresente as questões a seguir, que podem estar ou impressas em tarjetas de papel, entregues no início da problematização, ou projetadas em *slide*.



PROGRAMA ENSINO INTEGRAL FORMAÇÃO: PROJETO DE VIDA

Pela análise da ata da reunião da equipe gestora da E.E. Jardim Esmeralda, é possível verificar que a escola está lidando com dificuldade na construção do Projeto de Vida dos alunos.

Com base nessa afirmação, discuta com seus colegas e responda:

- ▶ Há implicações dessa dificuldade para a continuidade dos trabalhos pedagógicos na escola e para atender ao objetivo maior do Programa Ensino Integral? Em caso positivo, quais são elas?
- ▶ Qual o sentido e o significado do Projeto de Vida para o Programa e para suas escolas?

Slide 2.12.

O PCG pode pedir, então, que cada grupo eleja um representante para socializar as contribuições. A seguir, ele deve solicitar aos grupos que discutam as questões e, após essa etapa, que as contribuições sejam socializadas.

Espera-se que os professores apontem que o Projeto de Vida é o eixo central do Programa Ensino Integral e que sua não elaboração compromete todo o Programa. Espera-se ainda que os participantes compreendam que, embora o Projeto de Vida tenha um significado comum para o Programa (a definição é a mesma, as orientações são as mesmas, os instrumentos são os mesmos etc.), as equipes escolares constroem com os alunos o sentido do Projeto de Vida para cada um deles. Esse sentido é dado e construído com base nos saberes, nas histórias de vida e na importância que se dá para a reflexão e a elaboração do Projeto de Vida, para os registros e para as ações dele decorrentes.

Por tratar-se de uma atividade em que se levantarão os conhecimentos dos participantes sobre Projeto de Vida, é importante atentar-se ao significado que eles lhe darão, fazendo as observações e alinhamentos necessários nos conceitos que apresentarem. Perceber a clareza ou as dificuldades dos participantes a respeito do tema nesse momento auxiliará o PCG nas próximas atividades: ele poderá, por exemplo, aprofundar determinados aspectos que não estão bem entendidos pelo grupo.





2.1.6. Sistematização

Sugere-se que a sistematização seja realizada por meio da apresentação de *slides* sobre as interfaces e interações do Projeto de Vida com as metodologias, os espaços da escola e a organização do Currículo, como exemplificado a seguir.



Slide 2.13.

2.2. 2º ENCONTRO – PROJETO DE VIDA: REFLEXÃO SOBRE ATITUDES E VALORES RELACIONADOS AOS SONHOS

Sugere-se que o PCG explicita aos professores que, nesse segundo momento da formação HTPC, será utilizado o excerto da ata de reunião da equipe gestora. O objetivo é promover a reflexão sobre atitudes e valores relacionados aos sonhos dos alunos, bem como sobre a importância de valorizá-los e incentivá-los na busca de sua realização.



Para isso, pode-se inicialmente apresentar uma síntese dos resultados das discussões ocorridas no primeiro encontro, a fim de situar os participantes, e, em seguida, passar para a leitura da situação-problema como forma de relembrar os detalhes importantes contidos no excerto da ata.

2.2.1. *Brainstorming* – Tempestade de ideias

O objetivo desta atividade é promover um *brainstorming* sobre as possíveis causas que estão influenciando a não elaboração do Projeto de Vida por alguns alunos.

São necessários os seguintes materiais: uma tarjeta de papel por participante; um pincel atômico; uma folha grande de papel pardo ou de *flip-chart*.

A proposta é que, após a distribuição dos materiais para os participantes, o PCG solicite que cada um anote, em uma única palavra, uma possível causa para a não elaboração do Projeto de Vida pelos alunos e cole sua resposta no papel pardo ou no *flip-chart*.

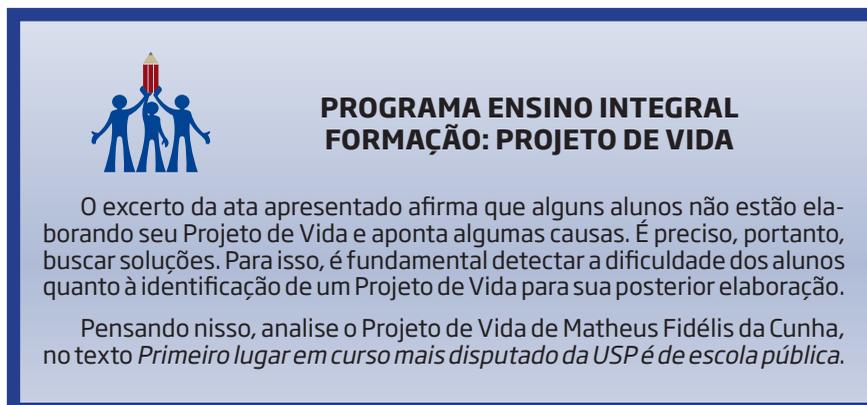
O PCG pode fazer a leitura e a tabulação das respostas com os professores, pedindo que alguns deles comentem brevemente sobre as causas mais e menos relatadas.

2.2.2. Projeto de Vida: análise/problematização

Para esta atividade, é importante o PCG providenciar, para cada participante, uma cópia impressa da seguinte reportagem:

Ⓔ RAMALHOSO, Wellington. Primeiro lugar em curso mais disputado da USP é de escola pública. *IG educação*, 6 maio 2012. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/2012-05-06/primeiro-lugar-em-curso-mais-disputado-da-usp-e-de-escola-public.html>>. Acesso em: 5 nov. 2014.

Sugere-se projetar o *slide* a seguir e proceder à leitura das informações apresentadas.





**PROGRAMA ENSINO INTEGRAL
FORMAÇÃO: PROJETO DE VIDA**

O excerto da ata apresentado afirma que alguns alunos não estão elaborando seu Projeto de Vida e aponta algumas causas. É preciso, portanto, buscar soluções. Para isso, é fundamental detectar a dificuldade dos alunos quanto à identificação de um Projeto de Vida para sua posterior elaboração.

Pensando nisso, analise o Projeto de Vida de Matheus Fidélis da Cunha, no texto *Primeiro lugar em curso mais disputado da USP é de escola pública*.

Slide 2.14.





A ideia é que o PCG distribua as cópias impressas aos professores, peça que se reúnam em grupos de cinco pessoas e que cada grupo eleja um representante e proponha a leitura da notícia, que pode ser individual ou feita em voz alta pelos integrantes do grupo.

É importante oferecer um roteiro de Projeto de Vida, previamente selecionado pelo PCG, para que os grupos possam analisar o texto com base no sonho do aluno autor do projeto. Em seguida, pode-se propor que cada grupo elenque possíveis ações pontuais para solucionar a dificuldade de elaboração do Projeto de Vida pelos alunos, destacada no *slide*, e elabore uma síntese da discussão para ser exposta pelo representante na socialização.

2.2.3. Socialização

Durante a socialização, é fundamental que o PCG garanta que alguns pontos sejam observados pelos professores, caso eles não o tenham feito:

- ☉ O Projeto de Vida consiste em documentar as ambições do aluno para o futuro e eleger os meios para sua viabilização, determinando prazos para realizar os objetivos propostos. Transcrever esses sonhos e traçar as metas para realizá-los é o que fornece sentido ao Projeto de Vida.
- ☉ O Projeto de Vida é importante porque permite que o adolescente e o jovem se organizem, planejando desde o início os caminhos que precisarão percorrer, as parcerias que deverão estabelecer e prevendo as dificuldades que enfrentarão.

Essas informações são essenciais para que os alunos saibam como elaborar seu Projeto de Vida e, assim, estejam mais bem preparados para ter sucesso em suas ambições de vida.

É esperado que, ao realizar a atividade, os professores percebam que um dos motivos que levaram alguns alunos da E.E. Jardim Esmeralda a não elaborar seu Projeto de Vida pode ter sido a dificuldade em sonhar com o futuro ou em estabelecer metas em longo prazo para sua vida. Por isso, é necessário que a equipe escolar invista nesses focos.

Para apoiar os alunos, um recurso que pode ser acionado é o suporte do professor tutor em seu acompanhamento, pois a Tutoria¹² é muito importante no desenvolvimento dos Projetos de Vida.

Além da Tutoria, é fundamental que nas HTPC sejam apresentadas boas práticas, tanto das aulas de Projeto de Vida como os Projetos de Vida já finalizados e os que estão em elaboração, assim como possíveis parcerias que os alunos podem realizar durante a construção de seu Projeto de Vida. Esse esforço tem em vista o objetivo maior do Programa, que, como já se disse, é o de formar jovens autônomos, solidários e competentes, por meio da realização de seu Projeto de Vida.

Essa discussão pode ser apoiada pela apresentação do *slide* 2.15.

¹² A Tutoria é detalhada no documento *Tutoria e Orientação de Estudos*.





Slide 2.15.

2.3. 3º ENCONTRO – A AULA DE PROJETO DE VIDA PARA O ENSINO MÉDIO

Nesse encontro, o PCG pode elaborar uma síntese das discussões e reflexões realizadas nos dois encontros anteriores e fazer a leitura do excerto da ata da reunião semanal da equipe gestora.

Sugere-se explicitar aos professores que o objetivo desta atividade é discutir o desenvolvimento das aulas de Projeto de Vida no Ensino Médio e a importância do monitoramento para a produção dos Projetos de Vida pelos alunos, considerando que o excerto da ata da equipe gestora apresenta, como uma das dificuldades na elaboração dos respectivos Projetos, o fato de os jovens não entenderem a importância do Projeto de Vida escrito.

A proposta é que essa atividade seja realizada em três momentos: sensibilização e levantamento de conhecimentos prévios; análise e problematização; e elaboração de propostas de ação.

2.3.1. Sensibilização e levantamento de conhecimentos prévios

Esta atividade está baseada na reflexão sobre as seguintes questões:

- ☞ O que se considera uma boa aula?
- ☞ O que deve conter uma boa aula de Projeto de Vida?





- ☞ As aulas de Projeto de Vida têm proporcionado momentos específicos para a elaboração dos Projetos dos alunos?

Para subsidiar os docentes na reflexão sobre essas questões, o PCG pode exibir o vídeo a seguir, em que o professor Fernando José de Almeida apresenta as condições que devem ser observadas para que a aula possa, efetivamente, representar um espaço de aprendizagem e de interação entre alunos e professores.

- ☞ Aula essencial: uma conversa introdutória¹³, professor Fernando José de Almeida. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=1oxJshKp-68>>. Acesso em: 5 nov. 2014.

Após a exibição, sugere-se que o PCG peça que os docentes discutam sobre as questões apresentadas inicialmente considerando os conceitos expostos no vídeo.

Depois dessa discussão, o formador pode solicitar aos professores que socializem seus saberes sobre o tema, para, então, passar para o desenvolvimento da próxima atividade.

2.3.2. Análise e problematização

A proposta desse segundo momento do 3º encontro é que a atividade seja realizada em grupos de três ou quatro pessoas, de acordo com o número de docentes da unidade escolar ou por áreas do conhecimento.

Para isso, sugere-se que o PCG selecione, previamente, um exemplo de aula de Projeto de Vida e entregue uma cópia dessa aula para a análise de cada grupo, levando em conta as características elencadas na atividade anterior e no vídeo assistido, assim como as orientações e publicações disponibilizadas pela Equipe Central do Programa Ensino Integral sobre o Projeto de Vida. Ao final dessa análise, os grupos vão socializar suas conclusões.

Espera-se que, nessa análise, os professores discutam sobre as práticas da escola em relação ao Projeto de Vida e que possam perceber que muitas das aulas que já foram ministradas podem, talvez, ser ressignificadas e mais bem exploradas nos diferentes espaços e tempos da escola.

No vídeo do professor Fernando José de Almeida, a aula¹⁴ é definida como um ambiente que envolve professor e aluno na organização de uma sequência de conhecimentos. Dessa forma, a aula se organiza de acordo com a seguinte estrutura:

- ☞ Contextualização e problematização.
- ☞ Explicação: práticas e história.
- ☞ Reflexão, argumentos, soluções.
- ☞ Conclusões, sínteses e novos desafios: utopias.

¹³ O vídeo dessa aula foi disponibilizado pela Coordenadoria de Gestão da Educação Básica (CGEB) para os gestores da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEE-SP) que participaram do Programa Melhor Gestão, Melhor Ensino (MGME), em 2013.

¹⁴ Fonte das informações: palestra do professor Fernando José de Almeida.



2.3.3. Elaboração de propostas de ação

No terceiro momento do encontro, sugere-se que o PCG solicite aos participantes que proponham ações que possam resolver os problemas diagnosticados no processo de elaboração do Projeto de Vida dos alunos. É fundamental que os participantes sejam orientados sobre a necessidade de analisar os encaminhamentos dos Programas de Ação no que se refere ao desenvolvimento do Projeto de Vida, verificando como as ações de monitoramento, já propostas no momento da elaboração no Plano de Ação da escola, estão sendo implementadas.

2.4. 4º ENCONTRO – PROJETO DE VIDA: MONITORAMENTO E AVALIAÇÃO

É importante que o PCG explicita aos participantes que o objetivo final desta atividade é elaborar ações de monitoramento para a construção de indicadores do Projeto de Vida.

Para introduzir a atividade, sugere-se retomar o seguinte trecho do excerto da ata da equipe gestora (item 2.1.3.):

A PCG disse que os professores de Projeto de Vida têm muita dificuldade em conscientizar os alunos sobre a importância da elaboração do Projeto e que, ao final do 1º bimestre, alguns ainda não construíram o seu, ou porque não sabem o que querem fazer ao final do Ensino Médio ou porque estão um pouco desinteressados e pensam que não precisam fazer um Projeto de Vida escrito.

As causas da não elaboração do Projeto de Vida pelos alunos já foram motivo de discussão em atividades anteriores, porém há um fato fundamental a ser retomado e discutido agora: “ao final do 1º bimestre, alguns ainda não construíram o seu [Projeto de Vida]”.

Com base no Procedimento Passo a Passo (PPP)¹⁵, sugere-se que o formador incite os participantes a analisar as ações efetivamente realizadas pela escola, para orientar a elaboração dos Projetos de Vida:

1. *Foram consolidadas as produções desenvolvidas nas atividades de Acolhimento dos alunos?*
2. *Foi produzida a identidade da escola?*
3. *Foi preparado o início das aulas de Projeto de Vida?*
4. *Foram registradas as ações nos Programas de Ação de cada profissional?*
5. *Foram iniciadas e monitoradas as aulas de Projeto de Vida?*
6. *Foi analisado o resultado do aproveitamento dos alunos nas aulas de Projeto de Vida, nas disciplinas da Base Nacional Comum e nas disciplinas da Parte Diversificada?*
7. *Foram analisados os resultados das atividades de Projeto de Vida?*
8. *Há evidências e constatações relativas aos resultados dessas atividades?*

¹⁵ Documento elaborado pela Equipe Central do Programa Ensino Integral e disponibilizado para as escolas a fim de potencializar o acompanhamento e o monitoramento do nível de maturidade das escolas do Programa de acordo com o passo em que ela se encontra. O documento permite também propor intervenções pontuais para o avanço da gestão pedagógica. Para mais informações sobre o PPP, consulte o documento *Modelo de gestão do Programa Ensino Integral*.





Com base na situação-problema extraída da ata, a ideia é que os professores analisem esses passos do PPP para que identifiquem a situação da escola em relação a cada um deles. Com base nessa análise, espera-se que os educadores proponham estratégias para que o PCG e o Vice-diretor possam monitorar as ações para elaboração e implementação dos Projetos de Vida dos alunos, com vistas à melhoria da situação apresentada.

Para realizar esta atividade, sugere-se que os professores continuem reunidos nos mesmos grupos da atividade anterior, para discutir minuciosamente cada um dos passos elencados. O ideal é que o formador distribua para cada um dos participantes cópias do excerto da ata, das questões e do quadro a seguir.

Item	Ações	Não realizadas	Realizadas	A realizar
1.				
2.				
3.				
4.				
5.				
6.				
7.				
8.				

Quadro 5.

Mais uma vez o grupo elege um representante para socializar as discussões em plenária, registrando a síntese das discussões no quadro que foi entregue. Após a discussão em grupo, cada representante preenche esse mesmo quadro, mas agora em um computador, para que o PCG tenha o registro das contribuições de todos os grupos e possa, posteriormente, socializar as informações com os envolvidos.

Espera-se que, nesta atividade, os participantes elenquem ações pontuais que possam ser monitoradas e que permitam produzir informações que orientem a construção de indicadores para o acompanhamento contínuo do processo de elaboração e implementação dos Projetos de Vida dos alunos. Isso porque, considerando a ata apresentada, a falta de monitoramento foi um dos possíveis problemas da situação descrita.

2.5. 5º ENCONTRO – SISTEMATIZAÇÃO E AVALIAÇÃO DA PAUTA

2.5.1. Sistematização final

Depois de realizar as análises, as reflexões e os estudos sobre as dificuldades de alguns alunos na elaboração de seu Projeto de Vida durante os quatro primeiros encontros, é importante que o PCG sistematize os conteúdos e conceitos trabalhados, contribuindo, assim, para a sistematização das aprendizagens dos PCA e dos professores. Para isso, ele pode recorrer à apresentação dos *slides*



a seguir, que destacam os pontos fundamentais na elaboração do Projeto de Vida e em sua articulação com os valores, princípios e premissas do Programa Ensino Integral.



PROGRAMA ENSINO INTEGRAL FORMAÇÃO: PROJETO DE VIDA

- ▶ **O Projeto de Vida sela uma parceria entre cada aluno e a escola.** Rapidamente os alunos percebem a relação que as atividades escolares têm com seus sonhos. O anseio de cada um deles passa a ser também a meta da escola e de cada membro da equipe escolar.
- ▶ **O Projeto de Vida é o foco para o qual devem convergir todas as ações educativas do projeto escolar.** Sua construção se dá por meio do provimento da excelência acadêmica, da formação para valores e da formação para o mundo produtivo.

Slide 2.16.



PROGRAMA ENSINO INTEGRAL FORMAÇÃO: PROJETO DE VIDA

- ▶ **O Projeto de Vida nasce do Acolhimento e é importante porque permite que o jovem e o adolescente se organizem, observando desde o início os caminhos que precisará percorrer, as parcerias que deverá estabelecer e as dificuldades que enfrentarão.** Tudo isso lhes possibilita acessar as informações fundamentais e, assim, estar mais bem preparados para ter sucesso em suas aspirações.

Slide 2.17.



PROGRAMA ENSINO INTEGRAL FORMAÇÃO: PROJETO DE VIDA

Aspectos importantes a ser considerados em relação ao Projeto de Vida.

- ▶ Apropriação da equipe gestora e docente das primeiras evidências para a elaboração das Disciplinas Eletivas.
- ▶ Ação da Tutoria: Pedagogia da Presença e apoio ao desenvolvimento do Projeto de Vida.
- ▶ Aulas de Projeto de Vida: constam da matriz curricular e são acompanhadas pelo PCG e Vice-diretor.

Slide 2.18.





PROGRAMA ENSINO INTEGRAL FORMAÇÃO: PROJETO DE VIDA

Premissas para a construção do Projeto de Vida.

- ▶ Construir e incorporar valores permite a tomada de decisões de maneira consciente e consequente.
- ▶ Ser responsável pelas escolhas feitas.
- ▶ Ter aspirações é querer ser, querer estar. É poder transformar sonho em realidade.
- ▶ É necessário sonhar com o amanhã e cuidar desse sonho.
- ▶ Projetar é traçar caminhos na vida entre o hoje e o amanhã.
- ▶ O futuro é consequência de escolhas feitas no passado.

Slide 2.19.



PROGRAMA ENSINO INTEGRAL FORMAÇÃO: PROJETO DE VIDA

Pontos de atenção para a construção do Projeto de Vida.

- ▶ A construção da própria identidade deve ser tratada como o ponto de partida.
- ▶ É necessário criar expectativas em relação ao futuro.
- ▶ A compreensão de que o sucesso da elaboração do Projeto de Vida depende da obstinação pessoal e da ajuda e apoio de outras pessoas.
- ▶ A elaboração do Projeto de Vida deve considerar todos os aspectos da formação humana do aluno.
- ▶ Sua construção depende de uma análise consciente e individual - escolha e decisão como atos de responsabilidade pessoal.

Slide 2.20.

2.5.2. Avaliação

Sugere-se que a avaliação ocorra ao final de cada HTPC de forma dialogada, garantindo espaço para que todos os professores possam expressar pontos de atenção e aspectos relevantes das discussões e da própria HTPC. É importante que o formador solicite que um representante de todo o grupo registre as ideias expostas durante a avaliação. A reflexão sobre esses registros após cada HTPC servirá para a preparação dos próximos encontros.

Espera-se que a leitura deste documento possa oferecer, às equipes das escolas do Programa Ensino Integral, subsídios para potencializar as inovações do Programa, com destaque para a premissa da Formação Continuada.





BIBLIOGRAFIA

AUSUBEL, D. P. et al. *Psicologia educacional*. Tradução: Eva Nick et al. 2. ed. Rio de Janeiro: Intertamericana, 1980.

BARKER, J. A. *O poder da visão*. Disponível em: <http://www.uniube.br/institucional/unitecne/downloads/arquivos/o_poder_da_visao.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2014.

COLL, C. et al. *O construtivismo na sala de aula*. São Paulo: Ática, 1997.

COSTA, A. C. G. da. *O professor como educador: um resgate necessário e urgente*. Salvador: Fundação Luís Eduardo Magalhães, 2001.

COSTA, A. C. G. da; VIEIRA, M. A. *Protagonismo Juvenil: adolescência, educação e participação democrática*. 2. ed. São Paulo: FTD; Salvador, BA: Fundação Odebrecht, 2006.

FREIRE, M. *Observação, registro e reflexão*. Instrumentos metodológicos I. 2. ed. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

IMBERNÓN, F. *Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza*. São Paulo: Cortez, 2006.

MILLS, C. W. *Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

PIAGET, J.; GRÉCO, P. *Aprendizagem e conhecimento*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1974.

ZABALA, A. *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 1998.





ANEXOS

ANEXO 1

Protagonismo juvenil: um conceito em construção¹⁶

Protagonismo Juvenil [...] é a participação do adolescente em atividades que extrapolam o âmbito de seus interesses individuais e familiares e que podem ter como espaço a escola, a vida comunitária (igrejas, clubes, associações) e até mesmo a sociedade em sentido mais amplo, através de campanhas, movimentos e outras formas de mobilização que transcendem os limites de seu entorno sócio-comunitário.

Participar, para o adolescente, é influir, através de palavras e atos, nos acontecimentos que afetam a sua vida e a vida de todos aqueles em relação aos quais ele assumiu [...] uma atitude de valoração positiva. [...]

Envolver-se com questões de interesse coletivo, empenhar-se construtivamente no esforço de identificar, compreender e intervir na superação de situações-problema não é, como pensam alguns, apenas uma ação preventiva das práticas divergentes ou antagônicas à moralidade e à legalidade vigentes. [...] Na verdade, estamos diante de um processo de construção de cidadãos mais autônomos, críticos e autodeterminados e de uma sociedade mais democrática, solidária e aberta.

ANEXO 2

O adolescente como ator protagonista: de problema a solução¹⁷

O adolescente deve ser visto pelo educador [...] como parte real da solução de suas dificuldades e impasses.

Para que isso ocorra, é preciso que o educador mude sua maneira de ver, de entender e de agir em relação aos jovens. A adesão à perspectiva pedagógica do Protagonismo Juvenil vai muito além da assimilação pelo educador de algumas noções e conceitos a respeito do tema.

Antes de mais nada, essa adesão deve traduzir-se em um compromisso de natureza ética do educador com essa pessoa em condição particular de desenvolvimento, que é o adolescente. O protagonismo deve ser vivido como participação do adolescente no ato criador da ação educativa, em todas as etapas da sua evolução.

¹⁶ Texto extraído de: COSTA, A. C. G. da. *Protagonismo Juvenil: adolescência, educação e participação democrática*. 2. ed. São Paulo: FTD; Salvador, BA: Fundação Odebrecht, 2006, p. 176-177.

¹⁷ Texto extraído de: COSTA, A. C. G. da. *Protagonismo Juvenil: adolescência, educação e participação democrática*. 2. ed. São Paulo: FTD; Salvador, BA: Fundação Odebrecht, 2006, p. 218-223.



Além de um compromisso ético, a opção pelo desenvolvimento de propostas que tenham por base o protagonismo juvenil exige do educador uma clara vontade política no sentido de contribuir – através de seu trabalho – para a construção de uma sociedade que respeite os direitos de cidadania e aumente progressivamente os níveis de participação democrática de sua população. [...]

No seu trabalho com adolescentes, o educador deve observar se sua postura inibe ou incentiva a participação dos jovens. Eis um pequeno elenco dessas posturas, apresentadas numa escala evolutiva:

- ☉ anunciar aos jovens decisões já tomadas, reservando-lhes apenas o dever de acatar;
- ☉ decidir previamente e, depois, tentar convencer o grupo a assumir a decisão tomada pelo educador, como se fora sua própria decisão;
- ☉ apresentar uma proposta de decisão e convocar o grupo para discuti-la;
- ☉ apresentar o problema, colher as sugestões dos jovens e, depois, tomar a decisão;
- ☉ apresentar o problema, colher sugestões e decidir com o auxílio do grupo;
- ☉ estabelecer os limites existentes em uma situação dada e solicitar aos adolescentes que decidam dentro desses limites;
- ☉ deixar a decisão ao encargo do grupo, sendo um facilitador do processo de tomada de decisão.

Quando existe um compromisso do educador com a participação efetiva do jovem, o terreno está preparado para o exercício de ações protagonistas. [...]

O papel do educador junto aos jovens envolvidos na realização de ações de protagonismo pode ser desempenhado de várias maneiras, tais como:

- ☉ ajudar o grupo a identificar a situação-problema e posicionar-se diante dela;
- ☉ empenhar-se para que o grupo não desanime nem se desvie dos objetos propostos;
- ☉ favorecer o fortalecimento dos vínculos entre os membros do grupo;
- ☉ animar o grupo, para que não se deixe abater pelas dificuldades;
- ☉ motivar o grupo a avaliar permanentemente a sua atuação e, quando necessário, replanejá-la;
- ☉ zelar permanentemente para que a ações dos jovens seja compreendida e aceita por todos os que com eles se relacionam no curso do processo;
- ☉ estar atento para a manutenção de um clima de empenho e mobilização por parte de todos os membros do grupo;
- ☉ colaborar – sempre que necessário – na avaliação das ações desenvolvidas e na incorporação de suas conclusões às etapas seguintes do trabalho.

É importante que o educador que se disponha a atuar como animador de grupos de jovens em ações de protagonismo desenvolva os seguintes atributos e habilidades:

- ☉ ter convicção do significado que a participação na solução de problemas reais da sua comunidade tem para o desenvolvimento pessoal e social de um jovem;
- ☉ conhecer os fundamentos, a dinâmica e a evolução do trabalho com grupos;
- ☉ apreender a situação ou problema que se pretende enfrentar;
- ☉ ter boa compreensão do projeto e ser capaz de explicá-lo quando necessário;





- ④ participar de ações grupais, mesmo não sendo na condição de animador;
- ④ estar convencido da importância da ação a ser realizada e disposto a transmitir a outras pessoas esse conhecimento;
- ④ administrar oscilações de comportamento comuns entre os jovens, como conflitos, passividade, indiferença, agressividade e destrutividade;
- ④ ser capaz de se conter para proporcionar aos educandos a oportunidade de pensar e agir livremente;
- ④ acolher e compreender as manifestações verbais e não verbais emitidas pelos membros do grupo;
- ④ respeitar a identidade, o dinamismo e a dignidade de cada um dos membros do grupo.

Essa maneira de trabalhar com os adolescentes poderá contribuir para que muito do que hoje é considerado problema se transforme, amanhã, em solução. Para isso, o fundamental é acreditar sempre no potencial criador e na força transformadora dos jovens.

CONCEPÇÃO E COORDENAÇÃO GERAL
PRIMEIRA EDIÇÃO 2014

COORDENADORIA DE GESTÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (CGEB)

Coordenadora

Maria Elizabete da Costa

Diretor do Departamento de Desenvolvimento

Curricular de Gestão da Educação Básica

João Freitas da Silva

Diretora do Centro de Ensino Fundamental dos Anos

Finais, Ensino Médio e Educação Profissional – CEFAP

Valéria Tarantello de Geogel

Coordenação Técnica

Roberto Canossa

Roberto Liberato

Suely Cristina de Albuquerque Bomfim

PROGRAMA ENSINO INTEGRAL

Coordenação da elaboração dos materiais de apoio

ao Programa Ensino Integral

Valéria de Souza

Apoio técnico e pedagógico

Marilena Rissutto Malvezzi

Equipe Técnica

Maria Sílvia Sanchez Bortolozzo (coordenação), Carlos Sidiomar Menoli, Dayse Pereira da Silva, Elaine Aparecida Barbiero, Helena Cláudia Soares Achilles, João Torquato Junior, Kátia Vitorian Gellers, Maria Camila Mourão Mendonça de Barros, Maria Cecília Travain Camargo, Maria do Carmo Rodrigues Lurial Gomes, Maína Soares de Baldini Rocha, Pepita de Souza Figueredo, Sandra Maria Fodra, Tomás Gustavo Pedro, Vera Lucia Martins Sette, Cleuza Silva Pulice (colabor.) e Wilma Delboni (colabor.)

GESTÃO DO PROCESSO DE PRODUÇÃO EDITORIAL 2014

FUNDAÇÃO CARLOS ALBERTO VANZOLINI

Presidente da Diretoria Executiva

Mauro de Mesquita Spínola

Vice-Presidente da Diretoria Executiva

José Joaquim do Amaral Ferreira

GESTÃO DE TECNOLOGIAS EM EDUCAÇÃO

Direção da Área

Guilherme Ary Plonski

Coordenação Executiva do Projeto

Angela Sprenger e Beatriz Scavazza

Gestão da Produção Editorial

Luis Marcio Barbosa e Renata Simões

Equipe de Produção

Editorial: Guiomar Milan (coordenação), Bruno Reis, Carina Carvalho, Karina Kempter, Karinna A. C. Taddeo,

Letícia Maria Delamare Cardoso, Marina Murphy e Natália Pereira Leal

Direitos autorais e iconografia: Denise Blanes (coordenação), Beatriz Fonseca Micsik, Érica Marques, José Carlos Augusto, Marcus Ecclissi e Vanessa Leite Rios

Produção editorial: Adesign (projeto gráfico) e Casa de Ideias (diagramação e ilustrações não creditadas)

ELABORAÇÃO DOS CONTEÚDOS ORIGINAIS

Coordenação do desenvolvimento dos conteúdos dos

volumes de apoio ao Programa Ensino Integral

Ghislaine Trigo Silveira

Cadernos do Gestor

Avaliação da aprendizagem e nivelamento

Zuleika de Felice Murrice

Diretrizes do Programa Ensino Integral

Valéria de Souza (coord.), Carlos Sidiomar Menoli, Dayse Pereira da Silva, Elaine Aparecida Barbiero, Helena Cláudia Soares Achilles, João Torquato Junior, Kátia Vitorian Gellers, Maria Camila Mourão Mendonça de Barros, Maria Cecília Travain Camargo, Maria do Carmo Rodrigues Lurial Gomes, Maria Sílvia Sanchez Bortolozzo, Maína Soares de Baldini Rocha, Pepita de Souza Figueredo, Sandra Maria Fodra, Tomás Gustavo Pedro, Vera Lucia Martins Sette, Cleuza Silva Pulice (colabor.) e Wilma Delboni (colabor.)

Formação das equipes do Programa Ensino

Integral – Vol. 1

Beatriz Garcia Sanchez, Cecília Dodorico Raposo Batista, Maristela Gallo Romanini e Thais Lanza Brandão Pinto

Formação das equipes do Programa Ensino

Integral – Vol. 2

Beatriz Garcia Sanchez, Cecília Dodorico Raposo Batista, Maristela Gallo Romanini e Thais Lanza Brandão Pinto

Modelo de gestão do Programa Ensino Integral

Maria Camila Mourão Mendonça de Barros

Modelo de gestão de desempenho das equipes

escolares

Ana Carolina Messias Shinoda e Maína Soares de Baldini Rocha

Cadernos do Professor

Biologia: atividades experimentais e investigativas

Maria Augusta Querubim e Tatiana Nahas

Ciências Físicas e Biológicas: atividades experimentais e investigativas

Eugênio Maria de França Ramos, João Carlos Miguel Tomaz Micheletti Neto, Maíra Batistoni e Silva, Maria Augusta Querubim, Maria Fernanda Penteado Lamas e Yassuko Hosoume

Física: atividades experimentais e investigativas

Eugênio Maria de França Ramos, Marcelo Eduardo Fonseca Teixeira, Ricardo Rech Aguiar e Yassuko Hosoume

Manejo e gestão de laboratório: guia de laboratório e de descarte

Solange Wagner Locatelli

Matemática: atividades experimentais e

investigativas – Ensino Fundamental – Anos Finais

Maria Sílvia Brumatti Sentelhas

Matemática: atividades experimentais e

investigativas – Ensino Médio

Ruy César Pietropaolo

Pré-inauguração Científica: desenvolvimento de projeto

de pesquisa

Dayse Pereira da Silva e Sandra M. Rudella Tonidandel

Preparação Acadêmica

Marcelo Camargo Nonato

Projeto de Vida – Ensino Fundamental – Anos Finais

Isa Maria Ferreira da Rosa Guará e Maria Elizabeth Seidl Machado

Projeto de Vida – Ensino Médio

Isa Maria Ferreira da Rosa Guará e Maria Elizabeth Seidl Machado

Protagonismo Juvenil

Daniele Próspero e Rayssa Winnie da Silva Aguiar

Química: atividades experimentais e investigativas

Hebe Ribeiro da Cruz Peixoto e Maria Fernanda Penteado Lamas

Robótica – Ensino Fundamental – Anos Finais

Alex de Lima Barros

Robótica – Ensino Médio

Manoel José dos Santos Sena

Tutoria e Orientação de estudos

Cristiane Cagnoto Mori, Jacqueline Peixoto Barbosa e Sandra Maria Fodra

Cadernos do Aluno

Projeto de Vida – Ensino Fundamental – Anos Finais

Pepita de Souza Figueredo e Tomás Gustavo Pedro

Projeto de Vida – Ensino Médio

Pepita de Souza Figueredo e Tomás Gustavo Pedro

Apoio

Fundação para o Desenvolvimento da Educação – FDE

Catálogo na Fonte: Centro de Referência em Educação Mario Covas

• Nos cadernos de apoio ao Programa Ensino Integral são indicados *sites* para o aprofundamento de conhecimentos, como fonte de consulta dos conteúdos apresentados e como referências bibliográficas. Todos esses endereços eletrônicos foram checados. No entanto, como a internet é um meio dinâmico e sujeito a mudanças, a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo não garante que os *sites* indicados permaneçam acessíveis ou inalterados.

• Os mapas reproduzidos no material são de autoria de terceiros e mantêm as características dos originais no que diz respeito à grafia adotada e à inclusão e composição dos elementos cartográficos (escala, legenda e rosa dos ventos).

S239f
v. 2

São Paulo (Estado) Secretaria da Educação.

Formação das equipes do Programa Ensino Integral; Ensino Integral; Caderno do Gestor / Secretaria da Educação; coordenação, Valéria de Souza; textos, Beatriz Garcia Sanchez, Cecília Dodorico Raposo Batista, Maristela Gallo Romanini, Thais Lanza Brandão Pinto. - São Paulo : SE, 2014. 48 p., v. 2.

48 p., v. 2.

Material de apoio ao Programa Ensino Integral do Estado de São Paulo.

ISBN 978-85-7849-715-6

1. Equipe escolar 2. Formação 3. Programa Ensino Integral 4. São Paulo I. Souza, Valéria de. II. Sanchez, Beatriz Garcia. III. Batista, Cecília Dodorico Raposo. IV. Romanini, Maristela Gallo. V. Pinto, Thais Lanza Brandão. VI. Título.

CDU: 371.314(815.6)



**GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO**